

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

A representação da mulher na revista feminina *Jornal das Moças* durante a primeira metade do século XX.

Vanessa Luzia de Castro Quadrado dos Santos

Rio de Janeiro

2019

A representação da mulher na revista feminina *Jornal das Moças* durante a primeira metade do século XX.

Vanessa Luzia de Castro Quadrado dos Santos

Monografia apresentada como requisito para a obtenção do título de bacharel em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Andrea Casa Nova Maia.

Rio de Janeiro

2019

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da autora, da orientadora e da universidade.

SANTOS, Vanessa Luzia de Castro Quadrado dos.

A representação da mulher na revista feminina *Jornal das Moças* durante a primeira metade do século XX. / Vanessa Luzia de Castro Quadrado dos Santos – Rio de Janeiro: UFRJ/IH, 2019.

63f

Orientadora: Andrea Casa Nova Maia

Monografia (graduação) – UFRJ/ Instituto de História/ Departamento de História, 2019

Inclui bibliografia

1.História – Monografia. 2. História das Mulheres. 3. Imprensa. 4. Representações. I. Maia, Andrea Casa Nova. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de História, Departamento de História III. A representação da mulher na revista feminina *Jornal das Moças* durante a primeira metade do século XX.

Folha de aprovação

A Banca Examinadora considera o trabalho: _____

Orientador/a: _____
(Nome e Sobrenome)

Leitor/a: _____
(Nome e Sobrenome)

Agradecimentos

Este momento pode parecer o mais simples. Contudo, ao fazer um retrospecto das fases vividas, percebo que, em minha vida, não houve nada que mais me trouxesse conhecimento e crescimento quanto o tempo em que estive nesta Universidade. Por isso:

Quero agradecer primeiramente a Deus, pois Nele encontrei refúgio nas horas mais difíceis e nos momentos em que pensei em desistir.

Agradeço ao meu marido Fábio que sempre esteve ao meu lado. Ele quem me incentivou a fazer o ENEM. Encorajou-me diversas vezes para que eu não desistisse. Obrigada por ser um refúgio e grande companheiro, meu amigo e grande amor.

Agradeço as minhas filhas Rebecca e Julianna que são minhas maiores vitórias nesse mundo. Minhas melhores amigas. Sem o amor de vocês e suas palavras amigas não sei se eu chegaria até o fim. Amo vocês meninas.

Quero agradecer a minha mãe que foi mãe solteira e sempre lutou para me oferecer o seu melhor. Para ela, foram muitas renúncias e muitas madrugadas subindo o morro para me deixar na casa da minha avó e ir trabalhar.

Agradeço a minha orientadora professora doutora Andréa Casa Nova, pela disponibilidade e pela atenção que sempre me ofertou. Pelos conselhos e orientações. Muito obrigada pela paciência comigo.

Agora, ao perceber que este tempo está chegando ao fim, cresce a saudade de tudo que vivi na UFRJ. Sempre serei grata a todos (as) os (as) professores (as) que passaram por minha vida acadêmica, as amigas que fiz durante o tempo que estive lá. E muito me alegro pelo conhecimento que nos é ministrado, tesouro este que jamais será roubado.

Resumo

A presente pesquisa tem como objetivo o exame da revista feminina ilustrada *Jornal das Moças* durante a primeira metade do século XX. Seus exemplares estão disponíveis no site da Biblioteca Nacional no acervo da Hemeroteca Digital do ano de 1914 até 1961, sendo que sua circulação foi até o ano de 1965. Nosso foco são as representações da mulher presentes nos discursos e ilustração dessa revista, principalmente no tocante às suas caracterizações concebidas pela sociedade e imprensa da época. Repousaremos sob pesquisas de *Gênero, Práticas Culturais e Práticas Sociais*. Utilizaremos também fontes secundárias e obras bibliográficas como referência para uma melhor análise dos conteúdos das revistas femininas, utilizadas como veículos de ideologias e representações.

Palavras chave: revista feminina, representação da mulher e *Jornal das Moças*.

Abstract

This research aims to examine the illustrated women's magazine *Jornal das Moças* during the first half of the 20th century. Copies of *Jornal das Moças*, from 1914 to 1961, are available on the website of the National Library in the collection of the Digital Library, although its circulation was until 1965. Our focus are the representations of women present in the speeches and illustration of this magazine, especially concerning their characterizations conceived by society and the press of that time. We will be based on research on Gender, Cultural Practices and Social Practices. We will also use secondary sources and bibliographical works as reference for a better analysis of the contents of women's magazines, used as vehicles of ideologies and representations.

Keywords: women's magazine, women's representation and *Jornal das Moças*.

Sumário

Introdução	8
Capítulo 1 marcas da primeira metade do séc. XX	12
Capítulo 2 imprensa feminina.....	21
2.1 A origem da imprensa feminina	21
2.2 A relevância	23
2.3 – Influência	26
Capítulo 3 A Revista <i>Jornal das moças</i>	32
3.1 POR DENTRO DA REVISTA.....	34
3.1.1 A PROPAGANDA	34
3.1.2 - APARÊNCIA E BELEZA	37
3.1.3 - MODOS E COMPORTAMENTO.....	39
Capítulo 4 representação da mulher nA Revista <i>Jornal das moças</i>	41
Conclusão	58
Fonte	61
REFERÊNCIAS	61
Endereços eletrônicos:	63

Introdução

Este trabalho nasce do interesse de analisar a representação da mulher no imaginário social brasileiro. Há um entendimento de que tal estereótipo é fruto de uma longa construção histórica desenvolvida por diversos agentes e reagentes em períodos distintos de nossa sociedade. Dentro dessa construção, destacaremos a importância da imprensa ilustrada, exclusivamente na primeira metade do século XX, principalmente em revistas direcionadas para o público feminino, que apresentou grande influência. Para ser mais específica, daremos ênfase à revista ilustrada “*Jornal das Moças – A revista de maior penetração no lar*”. Foi produzida por Agostinho Menezes como um almanaque de instruções e entretenimento à classe média feminina, tendo em vista que, devido ao alto índice de analfabetismo, grande parcela da população feminina não tinha acesso a esses exemplares. Suas diversas tiragens circulavam semanalmente pelas capitais de todo o país, produzidas no ano de 1914 até 1965. Hoje, este material encontra-se disponível no site oficial da Biblioteca Nacional-Hemeroteca Digital.

Para compreendermos melhor nossa contemporaneidade, precisamos ter maior entendimento dos acontecimentos do passado. Por tanto, entender o significado preciso de uma imagem ou de um texto que fora produzido em outro tempo histórico, não é algo fácil. De acordo com o que fora dito pelo historiador Marc Bloch, “Nunca se explica plenamente

um fenômeno histórico fora do estudo de seu momento”¹. Por isso, pretendemos não desanimar diante das dificuldades encontradas durante a pesquisa, pois, entendemos que, essas revistas são importantes fontes historiográficas onde desenvolveremos o nosso trabalho, nossa intenção é a de não nos influenciarmos pelas mutabilidades de nosso tempo.

Nosso objetivo principal é identificar a maneira como a mulher era representada nas revistas direcionadas a ela, em especial na revista semanal *Jornal das moças*. Dessa maneira, investigaremos, também, a relevância das revistas femininas dentro daquele determinado momento histórico, a fim de identificar como as mulheres eram representadas. Por esse motivo, daremos maior ênfase à revista *Jornal das Moças* dentro do recorte temporal de 1914 até 1950. Como apoio, iremos mobilizar fontes textuais e imagéticas, a fim de fornecer um melhor entendimento e proximidade com a sua linguagem. Portanto, tais observações foram vinculadas à base de pesquisa de *Gênero, Práticas Culturais e Práticas Sociais*. Dessa forma, entende-se que as mesmas devem ser utilizadas para uma melhor apreensão do ideário de mulher e família que foi concebido pela sociedade e pela imprensa da época.

É preciso rememorar que a primeira metade do século XX contou com diversos acontecimentos no Brasil e no mundo. Em 1914 deu-se início a primeira Grande Guerra Mundial, que terminou em 1918, ocasionando em várias sociedades significativas transformações de âmbito político, social e tecnológico. Em fevereiro de 1922 acontecia aqui no Brasil a Semana de Arte Moderna, que trouxe grandes influências da cultura européia. Mais tarde, ainda dentro desse cenário de primeira metade do século XX, surge um período que ficou conhecido como “*Anos Dourados*”, momento compreendido pela época que se estende de 1945 até 1964, onde as relações de gênero se fizeram bem marcantes e as reivindicações dos movimentos feministas que estavam em voga até aquele momento ganharam maior amplitude.

A problemática estabelecida consiste em identificar se estes fatos históricos influenciaram no dinamismo e no conteúdo informativo e recreativo das revistas femininas. Em contraponto, iremos identificar o discurso primaz desse semanário ilustrado *Jornal das Moças* e analisar se elas poderiam ser caracterizadas como instrumentos ideológicos daquele período. Buscaremos auxílio para nortear nossa pesquisa em autores/as e obras historiográficas de grande relevância. Abordaremos alguns temas referentes ao estudo sobre relações de poder, representações, imaginário social, imprensa feminina e história das mulheres.

¹ BLOCH, Marc. A história, os homens e o tempo. In: Marc Bloch. *Apologia da história: Ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p.60.

O procedimento escolhido para análise das fontes imagéticas da revista ilustrada *Jornal das Moças* parte de traçar um caminho metodológico onde dois pontos se cruzam. O primeiro será o de utilizar o conceito de “representação” de Roger Chartier a fim de relacioná-lo com as imagens ilustrativas respeitando suas especificidades. O segundo direcionamento nos levará a realizar uma análise comparativa dos discursos apresentados nas revistas ilustradas com as transformações sociais que crescia já há algumas décadas.

Para nortear nossa pesquisa mobilizaremos algumas contribuições de alguns teóricos dentro dos Campos da Sociologia e da História como, Mary Del Priore com seu livro *A Mulher na História do Brasil*; Betty Friedan com *Mística Feminina*; Michelle Perrot em *Minha História das Mulheres e Os excluídos da História*; Michael Foucault em *A Ordem do Discurso*; Norbert Elias com suas contribuições em *O Processo Civilizador*; Pierre Bourdieu com *Dominação Masculina e Poder Simbólico* e por fim, mas não menos importante, Michel de Certeau² em *A invenção do Cotidiano*.

No primeiro capítulo iremos expor brevemente o panorama histórico dos principais acontecimentos durante a primeira metade do século XX, por entendermos que são acontecimentos que influenciaram, direta ou indiretamente, toda engrenagem social. O primeiro ponto a ser visto está relacionado aos resquícios da escravidão, que corroborou para a promoção do atraso educacional de uma parcela significativa da população brasileira, a fim de refletir no arranjo familiar. O segundo ponto repousa sobre os impulsos da modernidade e a influência européia reverberando não só na imprensa, mas principalmente na moda e no comportamento feminino, como por exemplo, o advento da *Belle Époque* e a Semana de Arte Moderna. O terceiro ponto está relacionado com os reflexos da Primeira e Segunda Guerra Mundial principalmente referente à inserção da mulher no mercado de trabalho e por último os “Anos Dourados” que, trazem com as novas tecnologias vindas principalmente dos Estados Unidos e da Europa, uma grande onda de modernidade e crescimento, principalmente entre a classe média.

O segundo capítulo é destinado a Imprensa Feminina. Nele iremos analisar que imprensa é essa? Quando ela surgiu, qual o discurso trazido por ela e como ela se caracterizava no século XX. Falaremos sobre alguns pontos importantes como sua relevância frente à sociedade, quais influências ela exercia e a quem alcançava.

No terceiro iremos analisar especificamente a revista feminina *Jornal das Moças*. Falaremos de seu surgimento, circulação, preço, exporemos brevemente algumas partes

² CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.

relacionadas ao seu conteúdo. Um tópico intitulado “Por dentro da revista” trará um breve panorama de temas e colunas que fizeram parte da revista por um longo período como, as diversas propagandas, temas referentes à beleza feminina, modos e comportamento.

Por fim, no quarto capítulo, falaremos sobre a Representação da mulher na revista feminina *Jornal das Moças*. Pontuaremos a presença dos movimentos feministas em voga até aquele momento e sua ação nas revistas femininas. Separamos um tópico para tratar da Representação do feminino e por último a relação de masculino x feminino, onde mobilizaremos alguns pontos importantes apresentado pelo sociólogo Pierre Bourdieu em seu trabalho sobre Violência Simbólica e A Dominação Masculina. Destacando assim a ausência do discurso feminista nas revistas.

O presente trabalho não tem o objetivo de esgotar o tema, pois entendemos os desafios de sua complexidade e abrangência. Falar da representação da mulher não é um alvo fácil. Principalmente quando precisamos abordar um tempo distinto e, de certa forma, distante. Diante disso, iremos traçar um cenário para uma melhor compreensão e adequação da nossa pesquisa, relacionada à persistência de certos estereótipos femininos, que foram incutidos no imaginário social brasileiro.

CAPÍTULO 1

MARCAS DA PRIMEIRA METADE DO SÉC. XX

O período histórico escolhido para situar esta pesquisa corroborou com grandes transformações e progressos em todo mundo. Para o Rio de Janeiro, capital da República, isso não é diferente. No início do século o Rio é marcado por grandes mudanças no cenário político, econômico e social. A cidade ganha novas proporções devido ao seu rápido crescimento urbano. Tomaremos como marco inicial o ano de 1914, por ser o fim de um período significativo, conhecido como a *Belle Époque*,³ e o início da Primeira Guerra Mundial. Chegamos à década de 50, também conhecida como “*Anos Dourados*”, período de grandes e importantes transformações sociais e tecnológicas.

É de suma importância lançar mão de alguns acontecimentos que antecederam a primeira metade do século XX e que foram fundamentais para a construção de um pano de fundo, para facilitar a compreensão deste trabalho. Iremos expor brevemente dois importantes fatos históricos do século XIX que reverberam até os dias de hoje em nossa sociedade. O primeiro está ligado à implementação da imprensa no Brasil e o segundo repousa sobre as dificuldades, e atrasos, que a maior parte da população brasileira enfrentou após o fim da escravidão.

³ Este período ficou caracterizado pelo progresso e expansão científica, tecnológica e cultural na Europa de 1871 até aproximadamente 1914, quando se inicia a Primeira Grande Guerra. De origem Européia, aqui no Brasil a *Belle Époque* ficou conhecida como “Bela Época”. Disponível em: <<https://www.estudofacil.com.br/belle-epoque-caracteristicas-progresso-arte-e-literatura/>> Acesso em: 1 de Novembro de 2018.

A criação da imprensa foi sem dúvida um dos grandes acontecimentos de toda história. É possível perceber já nas imagens rupestres que a humanidade buscou registrar algo de sua história ou dos acontecimentos a sua volta. Hoje, contamos com o avanço da tecnologia para fazer esses registros. No início do século XIX, mas precisamente em 1808, com a chegada da família real portuguesa, a imprensa é instaurada aqui no Brasil, embora em passos lentos.

De acordo com Nelson Werneck Sodré isso tinha relação com a “ausência do capitalismo, ausência da burguesia. Só nos países em que o capitalismo se desenvolveu, a imprensa se desenvolveu⁴”. Nos países Europeus, onde o capitalismo já estava em desenvolvimento, como, Alemanha, Inglaterra e França, nota-se que a imprensa já estava consolidada e a sociedade estava habituada com a leitura. Aqui no Brasil uma grande fração da população não tinha acesso aos meios de informação e entretenimento devido ao alto índice de analfabetismo. Segundo Nelson Werneck Sodré, a imprensa brasileira “vinha se desenvolvendo na medida em que o problema político se tornara mais agudo”⁵. Para ele “A fase da regência foi, realmente, um dos grandes momentos da história da imprensa brasileira, quando desempenhou papel de extraordinário relevo e influenciou profundamente nos acontecimentos”⁶. Há quem questione a atuação do jornalismo, ou o papel da imprensa na sociedade. Para Traquina o jornalismo é “um campo aberto que todos os agentes sociais podem mobilizar para as suas estratégias comunicacionais ou um campo fechado a serviço do *status quo*?”⁷.

Alguns autores ao longo da historiografia brasileira conferiram importantes contribuições ao debaterem temas relacionados à ética na imprensa, a legislação e os valores jornalísticos. Estes, por primazia analisam e questionam a veracidade dos fatos, jamais deixando de defendê-los como podemos encontrar nas obras de Rui Barbosa⁸. O escritor que prontamente se pôs contra a corrupção que alcançou a imprensa. Barbosa Lima Sobrinho⁹, por sua vez, via na imprensa algo que não se limitava à informação, mas que concernia a formação. Logo, estes dois autores serviram de inspiração para Nelson Werneck Sodré, que

⁴ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p. 28

⁵ *Ibidem*, p. 115.

⁶ *Ibidem*, p.120.

⁷ TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo, porque as coisas são como são*. Volume 1. Florianópolis: Editora Insular, 2ª ed., 2005. p.145

⁸ Rui Barbosa (1849-1923) foi um jurista, advogado, político, diplomata brasileiro, ingressou na faculdade de Direito de São Paulo, foi membro fundador da Academia Brasileira de Letras, trabalhou em diversos jornais e escreveu importantes críticas acerca da imprensa como por exemplo: *A Imprensa e o Dever da Verdade* lançado em 1919. Para ele a imprensa deveria primar pela veracidade dos fatos. Disponível em <https://www.pensador.com/autor/rui_barbosa/biografia/> visualizado em 1 de Novembro de 2018.

⁹ Barbosa Lima Sobrinho (Alexandre José Barbosa Lima Sobrinho - 1897-2000) advogado, historiador, jornalista, ensaísta, político e professor. Atuou veemente na Academia Brasileira de Letras. Escreveu em 1932 uma obra voltada para a imprensa intitulada *O Problema da Imprensa*.

escreveu um livro chamado *História da Imprensa no Brasil*. Para Sodré a imprensa brasileira “nasce com o capitalismo e acompanha o seu desenvolvimento”¹⁰.

Diante disso, ele aponta que a causa da diminuição do número de jornais entre nós, está ligada a formação de oligopólios¹¹ na imprensa. Esse fator produziu a desistência de entidades, ou de pessoas, que mesmo possuindo certo capital financeiro, não são capazes de enfrentar o monopólio das grandes empresas, assim, não vemos um crescimento na imprensa brasileira de novos jornais e revistas. É possível notar uma redução do número de grandes jornais entre nós.¹²

Alguns especialistas acreditam que as notícias da imprensa são relatos que foram observados e registrados por jornalistas que se mantiveram imparciais frente os acontecimentos, surgindo assim à teoria do *espelho*. Para Nelson Traquina essa é “a primeira “teoria” oferecida para explicar porque as notícias “são como são”, é a teoria oferecida pela própria ideologia oficial dos jornalistas”¹³. Entende-se com isso que o jornalista, ou redator, detêm grande responsabilidade em apresentar os fatos em sua mais pura veracidade. Tanto quanto a ciência, a imprensa, solicita uma relação envolvendo linguagem e realidade. Mediante o pensamento filosófico, pode-se compreender a verdade como ora absoluta, ora relativa ou um ideal a ser alcançado.

Também é necessário analisarmos o papel da imprensa neste contexto, tendo em vista que por um bom tempo foi o único meio de informação existente em várias sociedades. Desde seu surgimento, seu publico foi formado majoritariamente por pessoas ilustres e letradas das sociedades. Para Nelson Werneck Sodré a história do desenvolvimento da imprensa esta moldada pelo capitalismo mediante a “necessidade social”, pois a burguesia mercantil alcançou dispositivos que, contribuíram para a propagação ideológica de sua “ascensão” à camada da classe dominante mediante o mecanismo de doutrinação¹⁴.

De certa forma, vale ressaltar que a imprensa sempre circulou em diferentes ambientes, épocas. Podemos dizer, também, que se apresentou com diversas “aparências” podendo ser de origem “burguesa”, “operária”, “anarquista”, “feminista” e outras mais que se enquadre no momento vivido pela sociedade. Sodré aborda em seu livro sobre a imprensa e sobre o surgimento de outros meios de comunicação de massa no Brasil que: “Outros meios de comunicação assumiram papel destacado e competiram com a imprensa, particularmente

¹⁰ SODRÉ, Nelson Werneck. Op. Cit. p.10

¹¹ Situação de mercado em que poucas empresas detêm o controle da maior parcela do mercado.

¹² SODRÉ, Nelson Werneck. Op. Cit. p. XII

¹³ TRAQUINA, Nelson. Op. Cit. p.146

¹⁴ SODRÉ, Nelson Werneck. Op. Cit. p. 2-6

aqueles que, utilizando o som e a imagem, alcançaram ampla difusão e preencheram espaços que a imprensa jamais ocupou”¹⁵.

Contudo, ainda no início do século XX, a população brasileira era constituída de uma expressiva parcela de analfabetos e cidadãos que apresentavam baixo poder aquisitivo e intelectual. O surgimento da imprensa que era restrita a um pequeno número de pessoas, se deu muito antes do advento do rádio e televisão, que apesar de apresentarem uma maior praticidade e agilidade nas informações, pois não necessitavam de um público alfabetizado para sua recepção. Eles tinham inicialmente menor alcance de penetração nos lares devido ao alto valor na aquisição dos equipamentos que, por esse motivo era privilégio de poucos. Por depender da capacidade intelectual e financeira do usuário, Sodré afirma que, “a imprensa não é meio de massa, em nosso país. Como, aqui, por imprensa entende-se jornal e revista, é fácil constatar que esses meios não são de uso habitual em parcela numerosa, majoritária mesmo, do nosso povo”¹⁶.

Podemos compreender a dificuldade de um alcance maciço por parte da imprensa quando consideramos a falta de investimentos sociais nos escravos recém libertos que compunham uma parte considerável da população. Apesar de terem alcançado sua liberdade no ano de 1888, nenhum planejamento foi feito para promover equidade entre a população. Também não se buscou criar mecanismos que fossem capazes de suprir e capacitar esses recém libertos, nem mesmo em suas necessidades básicas, a fim de proporcionar aos mesmos uma vida com qualidade e igualdade de direitos. Essa falta de política de inclusão social para os ex-escravos proporcionou à maior parte da população um grande distanciamento social, cultural, político e econômico.

Sem direito a educação, a saúde e a moradia, cada vez mais as classes desfavorecidas se viam excluídas da sociedade, jamais tiveram a oportunidade de se equiparar com a elite carioca. A maior parte da população era composta por analfabetos que não tinham direito a terras. Isso contribuiu para o afastamento da população pobre das áreas nobres que cada vez mais se viram obrigados a construir suas casas nos subúrbios e altos dos morros, promovendo com isso a perpetuação da desigualdade social.

Mesmo com os avanços tecnológicos daquela época e com o avanço da modernização, principalmente nas grandes cidades, ainda era possível sofrer com os resquícios da escravidão que proporcionaram diferentes atrasos ao desenvolvimento do país, como por exemplo, a segregação racial, sócio-espacial, econômica e de gênero. Ainda hoje, mesmo passando mais

¹⁵ SODRÉ, Nelson Werneck. Op. Cit.

¹⁶ SODRÉ, Nelson Werneck. Op. Cit. p.IX.

de um século podemos facilmente identificar o enorme distanciamento posto entre as classes sociais.

A distinção social também se fazia presente nas atribuições desempenhadas pela separação dos gêneros em masculino e feminino. Ao homem era destinado tudo o que fosse relacionado à esfera pública, e a mulher eram atribuídos todos os afazeres dentro do espaço privado. A modernidade trazida da Europa fortalecia essa divisão de papéis e tarefas, e assim fortalecia a manutenção do *status quo*. As vitrines que estampavam a moda européia juntamente com o surgimento de uma nova imprensa ilustrada voltada ao público feminino, trazendo revistas repletas de curiosidades, dicas de beleza, receitas, entretenimento e normas de etiqueta para um grupo seletivo das grandes capitais industriais, ditavam um padrão de beleza e de comportamento a ser seguido pelas mulheres das grandes metrópoles do Brasil.

Ao enfatizar a importância do disciplinamento social como meio para o progresso da nação, é instaurada a Primeira República no Brasil, mais conhecida como República Oligárquica, estendendo-se até a revolução de 1930. Este período abarcou inúmeros conflitos e instabilidade social, e acarretou uma série de episódios de assassinatos políticos, guerras civis, greves, rebeliões e revoltas populares. Segundo José Murilo de Carvalho, “as oligarquias conseguiram inventar e consolidar um sistema de poder capaz de gerenciar seus conflitos internos que deixava o povo de fora”¹⁷. O povo não era pensado e nem representado nos jornais e revistas da época. De acordo com a Imagem 1, referente ao recenseamento de 1920¹⁸, tido como o melhor senso feito até aquele momento, mais de 70% da população brasileira ocupava-se da agricultura como nos mostra a tabela abaixo

POPULAÇÃO SEGUNDO A OCUPAÇÃO, 1920	
Ocupação	População (%)
Agricultura, pecuária, extração	70,2
Indústria	12,9
Transporte	2,8
Comércio	5,4
Administração pública, civil e militar	2,1
Administração particular	1,1
Profissões liberais	1,8
Pessoas que vivem de rendas	0,4
Serviço doméstico	4,0
Total	100
	N=
Ocupação maldefinida	9.191.044
Profissão não declarada e sem profissão	416.568
Total	21.027.993
	30.635.605

(Fonte: Recenseamento de 1920, vol. IV, 1ª parte, pp. XX e 7)

IMAGEM 1 - Recenseamento de 1920.

¹⁷ CARVALHO, José Murilo de. *Os três povos da República*. Revista USP, São Paulo, n.59, p. 96-115, Setembro/Novembro, 2003.(p.96). Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13279/15097>> Acesso em: 1 de Novembro de 2018.

¹⁸ CARVALHO, José Murilo de. Op. Cit. p. 100

Isso nos leva a compreensão de que a população urbana era bem menor que a rural e o distanciamento material, intelectual e cultural era imenso. Ainda no senso de 1920 como podemos observar na Imagem 2, percebemos que apenas 10% da população estava apta a exercer o direito ao voto. Se observarmos há uma enorme discrepância entre os analfabetos e os alfabetizados, cerca de $\frac{3}{4}$ da população era analfabeta. O quadro abaixo ainda nos mostra as mulheres sendo contadas em meio aqueles que não estariam aptos a votar

POPULAÇÃO APTA A VOTAR, 1920	
População	Nº
Total	30.635.605
Menos analfabetos, sobram	7.493.357
Menos as mulheres, sobram	4.470.068
Menos os estrangeiros, sobram	3.891.640
Menos os menores de 15 anos, sobram	3.218.243

IMAGEM 2 – Recenseamento 1920.

Para José Murilo de Carvalho “a Constituição excluía analfabetos, estrangeiros e menores de 21 anos do direito do voto (não mencionava as mulheres tradicionalmente excluídas)”¹⁹, ele também acrescenta que a idade mínima para votar não era a de 15 anos, como descrito na tabela, mas sim de 21 anos.

Outro acontecimento importante para nosso marco histórico é a relação do Brasil com a Primeira Guerra Mundial, que teve seu início em junho de 1914 e terminou em setembro de 1918. A Guerra envolveu as maiores potências da economia mundial, trazendo consigo grandes transformações, principalmente o crescimento industrial que proporcionou à mulher uma maior abertura para sua inserção no mercado de trabalho. Inúmeros setores precisavam do crescimento de mão de obra para a fabricação e manutenção de armamentos e diversos outros produtos para o abastecimento dos países envolvidos na Guerra. Levando em consideração que a maior parte dos homens estava nos campos de concentração, as indústrias encontraram nas mulheres o contingente necessário para a manutenção de suas demandas a fim de manter as linhas de produção em atividade. Dessa maneira, elas começaram a ocupar os espaços até então direcionados exclusivamente aos homens. Essa necessidade aliada ao

¹⁹ CARVALHO, José Murilo de. *Os três povos da República*. Revista USP, São Paulo, n.59, p. 96-115, Setembro/Novembro, 2003. p.102 e 103

desejo feminino de atuar na esfera pública acarretou o fortalecimento de novas reivindicações por igualdade de direitos para homens e mulheres. Desde o século XIX até o início do século XX os movimentos feministas que estavam na luta passaram a ser conhecidos como *A Primeira Onda*.

Durante a Revolução Industrial ocorrida no século XIX, já é possível observar a participação das mulheres nas fábricas, o que as levou a adotar uma dupla jornada de trabalho. Com isso, nota-se que, para o homem garantir seu lugar cativo dentro das fábricas promoveu-se uma grande campanha de valorização da mulher como dona do lar. Ser boa mãe e excelente esposa representava tarefas que só seriam bem executadas se estas estivessem ocupando os lugares que a elas pertenciam. O espaço privado de uma casa, voltada para cuidar da família.

Por tanto, diante desta situação, surge no final do século XIX e início do século XX um grande aumento de revistas direcionadas ao público feminino, tornando-se a principal fonte de entretenimento para as mulheres da classe média. Lembrando que com o elevado número de analfabetismo, a imprensa não alcançava a maior parte da população. Logo, a circulação de jornais e revistas se dava em sua maior parte entre a classe média e alta da sociedade, pois era aonde se encontrava o público leitor.

Outro marco histórico de grande relevância para a nossa pesquisa, e principalmente para a nossa sociedade, ocorreu em fevereiro de 1922, na cidade de São Paulo, onde se inicia a Semana de Arte Moderna que inaugurou a reflexão estética e a crítica sobre a arte do país. Um grande evento cultural que colocou o modernismo como um importante referencial para a inovação da arte brasileira, que contou com a participação de nomes ilustres da Literatura como: Guimarães Rosa, Cecília Meireles, Mario de Andrade, Oswald de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramos, Clarice Lispector e outros, nas artes plásticas temos Tarsila do Amaral, Anita Malfatti, Di Cavalcanti e outros.²⁰

Foi um evento cultural que proporcionou significativa ruptura com o tradicionalismo e o nacionalismo emergente do pós Primeira Guerra. Este levou diversos artistas a reverem e criarem novos projetos culturais, atribuindo maior valor a identidade, a liberdade de expressão e a cultura brasileira, visando uma renovação social e artística no país.²¹

Outro marco de grande importância para o avanço de nossa pesquisa é a revolução de 1930, que culminou com um golpe de Estado no mesmo ano. Diante deste ocorrido, nota-se um maior fortalecimento da classe média brasileira frente a um povo cada vez mais sem voz e

²⁰ Ajzenberg, E. (2012). *A semana de Arte Moderna de 1922*. Revista De Cultura E Extensão USP, Volume 7, p. 25-27. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rce/article/view/46491/50247>> Visualizado em: 09 de Março de 2019.

²¹ *Ibidem*, p.26.

sem lugar na sociedade. Como nos mostra José Murilo de Carvalho, “o povo não se enquadrava nos padrões europeus nem pelo comportamento político, nem pela cultura, nem pela maneira de morar, nem pela cara”²². Esse povo que ele se refere não inclui a alta sociedade carioca, pois esta se enquadrava nos padrões europeus vigente naquela época.

O crescimento econômico do Brasil e sua integração no contexto mundial forçaram o país a criar diversas instituições de âmbito econômico, social e político, que provocaram mudanças internas na sociedade brasileira, e conseqüente, a inserção da mulher na esfera pública de um país em transformação. O Analfabetismo ainda representava um grande problema para o povo, produzindo a marginalização de uma gama considerável da população. Além disso, os meios de comunicação e entretenimento daquela época permaneciam sendo exclusivamente os jornais e revistas, que circulavam na sociedade. Com isso, o alcance e difusão dos mesmos eram direcionados a um público bem seletivo e reduzido da classe dos letrados.

A Segunda Guerra mundial, ocorrida entre 1939 e 1945, representa outro marco importante que trouxe enormes mudanças em diversos países. O fato de o Brasil ter se posicionado ao lado dos vencedores, criou no país um sentimento de otimismo e uma sensação de vitória, que proporcionou maior segurança e esperança para o futuro. Embora o envolvimento do Brasil na Segunda Guerra tenha sido pequeno, se comparado com a participação de potências como a França e os Estados Unidos, o país respirava a vitória por ter saído bem do combate. O Brasil vivia a ditadura do Estado Novo com o então presidente Getúlio Vargas que se iniciou em 1937 e foi até 1945. Este marco trouxe um forte sentimento de Nacionalismo em todo país que foi veementemente inspirado pelo então presidente da nação. As propagandas foram de grande importância para a propagação tanto de ideologias, quanto para promover culto seja a líderes, ou ao belo, assim como consolidar valores defendidos por grupos que estão no poder.

A influência vinda da Europa chega ao nosso país e rapidamente transforma o cenário carioca, trazendo avanços e modernidade para a classe mais prestigiada da sociedade que se inspirava na moda de Paris. Ao longo da primeira metade do século XX, o Brasil se encontrava frente a um novo cenário com diversas transformações. Devido ao crescimento científico, tecnológico e ao otimismo do país no pós-guerra, nossa sociedade viveria um momento de grande efervescência e felicidade que mais tarde receberia o nome de *Anos Dourados*, período que se estende de 1945 a 1964. É importante destacar que através dos

²² CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. 3ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p.162

meios de comunicação de massa, como os jornais, as revistas e mais tarde o rádio, ficou mais eficiente a propagação das concepções de modernidade e avanços da época. Nesse período, as representações de masculino e feminino se fizeram mais presentes principalmente nas revistas femininas. No livro intitulado *Mulheres dos Anos Dourados*, Carla Bassanezi Pinsky descreve os *Anos Dourados* como sendo

O otimismo do pós-guerra, as esperanças no futuro próximo e a sensação de que o país alcançaria de vez a modernidade ainda hoje dão saudades a muita gente, A nostalgia de uma época que teria sido “dourada” também se alimenta de lembranças (ou construções da memória) de romantismos perdidos, de relacionamentos estáveis e de papéis sociais definidos e seguros²³.

²³ PINSKY, Carla Bassanezi. *Mulheres dos Anos Dourados*. Contexto. São Paulo, 2014. p.9.

CAPÍTULO 2

IMPrensa FEMININA

Quando falamos de “imprensa feminina”, estamos nos referindo aquela direcionada ao público feminino, independente de ser ou não produzida por ele. Nesse sentido, destacamos que ao longo desta pesquisa encontramos de forma recorrente uma predominância masculina na produção das ilustrações das revistas feitas para o público feminino. Isso não significa que este fator era uma exclusividade. Também sabemos da existência de jornais que foram produzidos por mulheres como, por exemplo, *O Jornal das Senhoras*²⁴, porém, nossa pesquisa está baseada nas revistas. Neste capítulo trataremos de três questões fundamentais para nos aproximarmos da revista “jornal das moças”, são elas: A origem da imprensa feminina, onde trataremos de forma sucinta em um apanhado inicial; a sua influência e a relevância da imprensa feminina como importante fator historiográfico. Destacamos que, enquanto linguagem trataremos não só do vocabulário, mas, também, do discurso e da influência na modelação do público alvo.

2.1 A origem da imprensa feminina

A imprensa feminina surge na Grã-Bretanha no final do século XVII e algumas décadas depois na França. O primeiro periódico feminino publicado na França apresentava

²⁴ *O Jornal das Senhoras* foi o primeiro jornal feminino do Brasil dirigido em 1852 por uma mulher, chamada Dona Violante Atabaliba Ximenes de Bivar. Seu exemplares encontram-se disponíveis no site da Hemeroteca Digital Brasileira dos anos de 1852 – 1855.

dicas de economia doméstica e medicina caseira. Depois de percorrer alguns países, a Imprensa Feminina chega ao Brasil no início do século XIX com duas representações ideológicas, uma voltada para a emancipação da mulher e a conquista pela igualdade de direitos entre homens e mulheres, e a segunda está focada na valorização da figura feminina enquanto mãe, esposa e dona do lar.

Durante a segunda metade do século XIX e início do XX, uma grande parcela das mulheres ainda tinha dificuldade em prosseguir com seus estudos, principalmente para entrar em uma universidade. Essa dificuldade em alcançar um número considerável de público leitor fez com que a imprensa feminina começasse a “passos lentos”. Suas publicações tinham grande apelo para a moda e a literatura. Seu discurso pedagógico era voltado para a normatização do comportamento feminino, caracterizando um modelo ideal a ser seguido. Essa padronização era imposta pela sociedade da época. A tentativa de se consolidar frente à modernidade era atribuída principalmente às grandes cidades. Os periódicos femininos tiveram grande espaço entre as leitoras que ocupavam a classe média e alta da sociedade brasileira.

O segmento editorial dessas revistas²⁵ “está entre os mais prolíferos da atividade editorial”²⁶. *O Espelho Diamantino* em 1827 e *Correio das Modas* em 1839 foram os primeiros periódicos femininos no Brasil inspirados no modelo Francês dos magazines. Nota-se que, muitas destas revistas eram produzidas por homens, pois seu corpo editorial tinha uma pequena representatividade feminina. Isso era ocasionado pelo fato das mulheres não encontrarem no mercado de trabalho o mesmo espaço que tinha os homens. Poucas mulheres conseguiram ter acesso e concluir o magistério. Boa parte delas se dedicava à vida privada do lar.

No início do século XX, existia um grande número de revistas voltadas para as mulheres e, após a Segunda Guerra, elas ganharam mais espaço dentro do mercado editorial²⁷. Elas visavam atrair um grande número de leitoras e permanecer em circulação principalmente nas grandes cidades. Para atrair a atenção do público feminino, algumas delas eram apresentadas como almanaques ilustrados. Essas revistas ofereciam grande variedade de

²⁵ Cabe elucidar que no início, nem todas as revistas eram concebidas como revistas femininas, elas foram se adequando às mulheres em virtude dos assuntos abordados, como aconteceu com a revista *A Cigarra* (1914-1975).

²⁶ www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204434/4101415/memoria4.pdf

²⁷ MESSINA, Ágata; KAZ, Leonel; BRAGA, Regina Stela; FERREIRA, Ruth. *Mulheres em revista: O jornalismo feminino no Brasil*. Caderno da Comunicação. Série Memória. Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio de Janeiro. 2002. Disponível em: <http://www0.rio.rj.gov.br/arquivo/pdf/cadernos_comunicacao/memoria/memoria4.pdf> Acesso em: 9 de Março de 2019.

tarefas manuais repetitivas e trabalhosas como o bordado, o crochê e a costura, que por serem confeccionadas a mão, as mulheres podiam em uma única peça manterem-se ocupadas por dias.

A fim de atender a demanda das leitoras, que, majoritariamente se encontram nas áreas urbanas, havia um grande investimento nas inovações gráficas. Devido ao crescimento das indústrias e dos materiais de consumo, as revistas eram eficazes ferramentas de propagandas e anúncios de medicamentos, cosméticos, atelier de costura, atelier artístico de gravuras, perfumaria, manicure, cabeleireira, eletrodoméstico, e outros. Diante disso, Nelson Sodrê coloca que, as transformações da imprensa ocorreram com a intenção de alcançar as demandas capitalistas, por isso percebemos a enorme variedade de produtos e serviços que são oferecidos nas revistas. A abordagem das revistas passa a tratar de um mundanismo “superficial”, com maior investimento nas artes gráficas através de caricaturas, fotografias e desenhos que reforçavam a atratividade destes exemplares que eram direcionados a um público específico. Dessa forma, a imprensa adquiriu caráter empresarial, fruto da “ascensão da burguesia” e do “avanço das relações capitalistas”²⁸.

2.2 A relevância

A imprensa tornou-se a maior ferramenta de registro Histórico de todos os tempos. Por meio dela podemos resgatar acontecimentos, a fim de interpretá-los compreendendo as diferentes historicidades. Logo, pode ser utilizada como base para uma investigação histórica. Ela registra os fatos, forma opiniões, transmite ideologias, informa e distrai, tudo por intermédio de seus textos e ilustrações.²⁹

As revistas podem ser utilizadas como ferramentas de consulta. São documentos que testemunharam acontecimentos durante um longo ou curto período histórico, seja da nossa ou de outras sociedades. Ao analisarmos as revistas ilustradas, ricas em informações de sua época, estaremos adentrando no universo das representações de seu tempo. Para Roger Chartier a representação pode ser compreendida por um conjunto de “classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do real, através dos quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado”³⁰.

²⁸ SODRÊ, Nelson Werneck. Op. Cit. p. 275.

²⁹ LIMA, Sandra Lúcia Lopes. *Imprensa Feminina, Revista Feminina. A Imprensa Feminina no Brasil*. Projeto História, São Paulo, n.35, p. 221-240, dez. 2007.

³⁰ CHARTIEU, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990. p.17

Podemos identificar na imprensa feminina, um importante agente na construção e controle, a curto e longo prazo, da identidade feminina. No decorrer do tempo, proporciona significativas transformações nas estruturas mentais da sociedade, e principalmente do imaginário feminino. Sua constância nas informações incute um padrão que passa a fazer parte do nosso imaginário e influencia o nosso comportamento. Identificamos nessas revistas padrões que reforçam a construção de um comportamento passivo e limita a atuação da mulher ao ambiente familiar. Para o sociólogo Norbert Elias, existe um processo civilizador que faz com que os indivíduos contenham suas pulsões. Essas revistas possuem características semelhantes a dos manuais de civilidade apresentados por Elias, onde dispunham de instruções para auxiliar no comportamento e controle das pulsões dos indivíduos. Esses manuais eram muito comuns entre a nobreza, e neles tinham diversos conselhos e normas de etiqueta para que através da prática os indivíduos pudessem controlar seus impulsos.

Os grupos pertencentes à classe média urbana eram os que mais tinham acesso as revistas. Que por sua vez apresentavam características semelhantes a um almanaque ilustrado devido à grande variedade de assuntos que algumas podiam oferecer ao publico leitor. Assim podem ser consideradas importantes fontes de pesquisa para compreensão e análise dos discursos sobre o feminino.

Para Carla Pinsky “as revistas femininas são aqui a porta de entrada para uma viagem pela história das relações de gênero”³¹. Elas se tornaram verdadeiros almanaques de regras de civilidade do comportamento e imaginário feminino. Algumas poucas revistas tratavam de temas que eram tabus para aquela geração. Apesar de ser um momento de modernização, já havia algumas lutas por direitos de igualdade entre homens e mulheres, mas ainda era possível notar que, um alto percentual das publicações ainda tratava de temas mais voltados para a beleza, a família, a saúde do corpo e a casa.

Nesse sentido, é importante destacar a maneira pouco profunda das análises realizadas em relação às revistas como importante elemento histórico. De acordo com Ana Luiza Martins, a historiografia nacional não explora as revistas como faz com outras fontes, sendo vista como um periódico singular passou ao longo do tempo a circular com maior frequência em meio ao povo.³² As revistas não apresentam um compromisso com a informação como fazem os jornais. Para Martins elas estabelecem seu sucesso sobre tripla característica: o avanço das técnicas gráficas, seus conteúdos diversificados e o elevado preço do livro. Elas estão presentes em bancas de jornal, armazinhos, mercados, sala de espera em alguns

³¹ PINSKY, Carla Bassanezi. *Mulheres dos Anos Dourados*. Contexto. São Paulo, 2014. p. 7

³² MARTINS, Ana Luiza. *Revista em revista*. São Paulo: Fapesp/Imprensa oficial, 2001.

consultórios médicos, salões de beleza, academias e outros lugares. Hoje apresentam um formato mais direcionado a dietas, ginásticas, plásticas, dicas de maquiagem, cortes e cores para os cabelos, fofocas de famosos, etc. Tornaram-se meios de divulgação e marketing de diversos produtos, marcas e empresas associadas ao consumo de inúmeros produtos, com isso, elas obtiveram grande repercussão ao fazer parte do grande fenômeno da indústria cultural. Por propagarem tamanha quantidade de marcas de cosméticos, vestuários, calçados, alimentos e até clinics de SPA, as revistas tornaram-se representantes e formadoras de ideologias no que reforça a transmissão de um determinado ideal de belo para a construção do imaginário social feminino.

Aplicando esse conceito em referência as revistas ilustradas femininas analisadas neste trabalho, depreendemos que uma leitora destas revistas vivendo no Brasil, no Rio de Janeiro nos anos de 1920 a 1960 e desse modo inserida num meio em que prevalece um discurso e uma mentalidade machista, se deparará nas paginas das revistas com representações que correspondem a “bagagem cultural” fornecida por esse meio, e de acordo com ela as interpretará. Já um(a) pesquisador(a) muitas vezes situado(a) em outra época e lugar, passando pelo processo de recriação da obra e tendo o conhecimento prévio do contexto histórico ideológico no qual se insere, poderá, a partir da interpretação de suas nuances, aproximar-se de sua “intenção” original e melhor compreender o meio que a produziu. Recorrendo novamente ao autor Panofsky

O observador “ingênuo” difere do historiador de arte, pois o último está cômico de sua situação. Sabe que sua bagagem cultural, tal como é, não harmonizaria com a de outros países e outros períodos. Tenta, portanto, ajustar-se, instruindo-se o máximo possível sobre as circunstâncias em que os objetos de seus estudos foram criados. [...] Assim, o que o historiador de arte faz, em oposição ao apreciador de arte “ingênuo”, não é erigir uma superestrutura racional em bases irracionais, mas desenvolver suas experiências recreativas, de forma a afeiçoá-las ao resultado de sua pesquisa arqueológica, ao mesmo tempo em que afere continuamente os resultados de sua pesquisa arqueológica com evidência de suas experiências recreativas³³.

Dessa maneira, as revistas femininas, como veículo artístico e comunicativo, mostram-se úteis ao historiador no estudo da ideologia e do imaginário de períodos históricos. Panofsky também apresenta um método de análise iconográfica que nos norteia na decodificação das representações existentes nas imagens femininas nas revistas analisadas,

³³ PANOFSKY, Erwin. Op. Cit. 1991, p.36-37.

baseado num processo composto (constituído) por três etapas – análise pré-iconográfica, que corresponde a um exame preliminar da obra, com seus motivos e significados factuais; análise iconográfica, que trata das imagens, estórias e alegorias presentes na obra, requerendo interpretação e conhecimentos prévios para a percepção dos significados convencionais; e interpretação iconológica, que depreenderá todos os valores simbólicos existentes na obra com base nas duas análises anteriores, visando os significados intrínsecos à mesma. Tais parâmetros para um estudo iconográfico e posterior análise iconológica foram usados, em nosso trabalho, para uma melhor percepção e exame da simbologia sexista e machista, presente nas revistas femininas estudadas (o uso da imagem da mulher bem vestida, que cuida do lar, dos filhos e do marido, constituindo assim, o modelo ideal de família tradicional). Diante desta imagem, partiremos para o conceito de “representação” que justamente buscamos em tais fontes.

Assim, podemos identificar que a imagem possui várias funções: explicativa, informativa, estética, argumentativa, crítica, e outras. Qualquer empresa tem como um dos seus principais objetivos atender as expectativas do seu público.

2.3 – Influência

Podemos identificar na imprensa feminina, um importante agente na construção e controle, a curto e longo prazo, da identidade feminina. No decorrer do tempo, proporciona significativas transformações nas estruturas mentais da sociedade, e principalmente do imaginário feminino. Sua constância nas informações incute um padrão que passa a fazer parte do nosso imaginário e influencia o nosso comportamento. Identificamos nessas revistas padrões que reforçam a construção de um comportamento passivo e limita a atuação da mulher ao ambiente familiar. Para o sociólogo Norbert Elias, existe um processo civilizador que faz com que os indivíduos contenham suas pulsões. Essas revistas possuem características semelhantes a dos manuais de civilidade apresentados por Elias, onde dispunham de instruções para auxiliar no comportamento e controle das pulsões dos indivíduos. Esses manuais eram muito comuns entre a nobreza, e neles tinham diversos conselhos e normas de etiqueta para que através da prática os indivíduos pudessem controlar seus impulsos.

Dentro do universo das revistas femininas, podemos observar que elas serviam como manuais de etiqueta para a mulher moderna a fim de disciplinar suas leitoras. Nelas encontramos a construção de um discurso envolto por ideologias e representações que

promoveram ao longo do tempo diversas tensões entre os gêneros. Um discurso que para a mulher contribuía mais para a sua reclusão do que para a sua inclusão na sociedade. As revistas possuíam um caráter de moldar o comportamento e o pensamento da mulher moderna, através de textos moralizadores, dicas de comportamento que estabelecia um modelo ideal de família. As revistas femininas não davam ênfase à mulher no mercado de trabalho. Quando se falava, em grande parte ela estava atrelada ao magistério. Somente na década de 50 a educação escolar para as mulheres começa a ter mais valor e o número de mulheres no mercado de trabalho também começa a crescer. Contudo, a sociedade ainda tinha em seu discurso um forte apelo sobre a imagem da mulher como mãe, esposa e dona do lar.

Os magazines ilustrados costumavam elucidar curiosidades, como iremos observar abaixo na Imagem 3, onde uma sessão recebe o nome *De tudo um pouco*. Esta faz referencia ao seu conteúdo que apresenta uma variedade de assuntos aleatórios, a fim de promover um pouco de conhecimento em diferentes áreas, já que se trata de uma revista direcionada a um público específico. Também há sessões de homenagens a pessoas e grupos ilustres da sociedade carioca, dicas de relacionamento, de beleza, de saúde, cuidados com o marido, com os filhos, receitas gastronômicas, propagandas de produtos variados, etc. Em sua maioria estavam voltados para o universo feminino da época, que recebia de Paris dicas de moda, etiqueta e gastronomia. Como nos mostra a sessão *Modas e Modos* na Imagem 4, a matéria trata da novidade dos cabelos que estavam sendo pintados de brancos em Paris, o que hoje chamaríamos de cabelo “platinado”. Ainda na mesma matéria, a revista apresenta as mais recentes inovações quando o assunto é chapéus femininos. E por último, na mesma sessão, a revista trata das *regras do bom tom* no que se refere à maneira correta das apresentações. A que mais me chamou atenção é a que nos ensina que “Não se apresenta uma senhora a um cavalheiro; mas este a uma senhora, depois de haver conseguido permissão della”. Na década de cinquenta a imprensa feminina ilustrada se moderniza. Com o crescimento do capitalismo e a onda de consumo, o setor de produtos para casa e para a mulher moderna também cresce.

* DE TUDO UM POUCO *

ENTRE OS SELVAGENS

Tratamento dos filhos

EM Masite, na Ethiopia, logo que os filhos sabem comer, as mães os lançam fóra do paiz e nunca mais os vêm.

Entre os Andamans, logo que o filho se desmama, os casaes separam-se em busca de novos amores.

Entre os arabsasyr, quando o pae deseja casar filhas, leva-as adornadas, ao mercado e apregoa-as em leilão.

Os tasmanios e os australianos enterram vivas as creanças e em Sandwich estrangulam os que excedem o numero de duas ou tres em cada familia.

Em Taiti e em toda a Polynesia o mesmo succede, bem como na America do Sul, entre os Juruceas, e na do Norte, entre os Pelles Vermelhas.

E' commum o infanticidio entre os Orenocos, os selvagens da bahia de Hudson e os payaguas do Prata.

As creanças escolhidas para esse sacrificio são em geral do sexo feminino, pois são consideradas como inúteis, só os rapazes prestam serviços.

Na India, principalmente entre os Klouds, ha aldeias de cem casas sem uma creança do sexo feminino.

Entre alguns povos selvagens, matam-se as creanças do sexo fraco, no intuito de haver menor numero de mulheres e assim poderem ser bem vendidas.

Entretanto, ha excepção dessa regra entre varias tribus, onde se observa carinhoso amor pelos filhos.

Entre os norte-americanos, a mãe que perde o filho enche o berço de pennas, andando com elle aos hombros por um anno e mais, falando-lhe, acariciando-o, como si elle transportasse alguém.

Diz Burton, que na Africa, em lugar do filho morto, a mãe embrulha uma cabeça de panno em pelles, deita a afaga-a e finge alimentar-a.

Os eschimaos gastam dias e dias fazendo brinquedos para a meninada.

Suspensão em correias, o hothentote leva ás costas o filho do qual nunca se separa.

Tratamento da esposa e da mulher

NO Afghanistan, por muito tempo, as mulheres serviam de moedas. Com ellas se pagavam as multas judiciaes. Um assassinato era pago com doze mulheres.

O Chim adquire as mulheres que quer, sendo uma, porém, a principal, vivendo outras como aposentadas em outras casas.

Em Lombok, na Malasia, apesar da devassidão reinante, o adulterio é punido, ligando os dois, adultera e amante, costas com costas e jogando-os aos crocodilos.

Em Fidji, as mulheres estrangulam-se para acompanhar o esposo na morte.

Entre os «maoris», era virtude enforçar-se a mulher numa arvore por morte do marido, sendo obrigação esse costume em outras tribus dos mesmos.

Entre os Hares da Polonia a viuva era (seculo XI) decapitada sobre a fogueira em que ardia o corpo do marido.

Tratamento dos velhos e doentes

EM toda a Melanesia era costume matar os velhos e doentes.

Na Nova Caledonia os paes eram abandonados á morte, chegando a ser enterrados vivos, como succede em Viti e em toda a Polynesia.

Desde a bahia de Hudson até á Terra do Fogo, os ituanos da America Central afogam os enfermos.

Entre os messagetes (povos antigos), matavam-se, cosinhavam-se e comiam-se os paes velhos.

Os polynesios já velhos achavam natural serem enterrados vivos.

Em Fidji, o parricidio é uso, não crime. Os velhos, quando reconhecem terem vivido bastante, pedem a morte, sendo o dia da cerimonia uma solemnidade sagrada: os paes acabam piedosamente estrangulados ou enterrados vivos ás mãos reverentes e amorosas de seus filhos.

Entre os Seavos e os antigos suecos, como tambem na Sardenha, havia o costume de matar á maça os velhos, mas o acto era tão sagrado que se guardava nos templos o instrumento sacrificador — «attaklubh» — clava sacrosanta.

Receitas

MARIQUITA — Farinha de trigo 1 kilo, assucar 300 grammas, aniz 1 calice, essencia de Lima 30 gottas, manteiga 250 grammas. Amassa-se durante meia hora e depois deita-se em pequenas fórmulas lisas, untadas de manteiga. Cozinha-se em forno brando.

E EU ? NADA ! — Um côco ralado-250 grammas de assucar, 2 colheres de manteiga, 3 claras e 4 gemmas de ovos batidas, 120 grammas de farinha de trigo. Mistura-se bem, passa-se manteiga na fórmula e vae ao forno.

OMELETTE DE NOIVOS — Mistura-se bem, com quatro ovos, 2 colheres de farinha de trigo dissolvidas n'um pouco de leite e assucar.

Aromatiza-se com baunilha. Frege-se e serve-se depois, polvilhado de assucar e canella.

VAE E NÃO VOLTA — Tres ovos, 1/2 kilo de assucar, 250 grammas de manteiga, 250 de banha, 1/2 kilo de farinha de trigo, 1 colherinha de bicarbonato de sodio. Amassa-se bem e fazem-se os biscoitos, que vão ao forno em latas.

CREME IDEAL — Põem-se em uma vasilha 2 garrafas de leite, 800 grammas de assucar e um pouco de canella em pó. Leva-se ao forno e quando ficar reduzido a metade, tira-se e deixa-se esfriar, misturam-se em seguida 6 ovos. Cozinha-se depois em banho-maria em fórmula untada com calda grossa de assucar.

PANELLA ITALIANA — Cinco ovos bem batidos, 2 colheres de farinha de trigo, 1 colher de manteiga, 4 colheres de assucar, 2 colheres de queijo ralado. Ajunta-se tudo e põe-se uma garrafa de leite. Vae ao forno em fórmula com manteiga.

NÃO CHEGA PARA NINGUEM — Misturam-se: 1 kilo e meio de batatas inglesas reduzidas á massa, 125 grammas de manteiga, 3 gemmas de ovos, leite de um côco da Bahia (sem a agua), assucar refinado quanto baste, canella em pó e casca de limão. Leva-se ao forno e em fórmula e tem-se um magnifico bôlo.

CONTRA DORES DE DENTES — Um excellente remedio contra as dores de dentes, consiste na applicação de uma solução de tannino em alcool, 2 partes de tannino para 10 de alcool com que pincellam as gengivas e o dente dolorido.

E' um tratamento muito eficaz e que tambem produz excellentes resultados contra os abcessos das gengivas.

Imagem 3- *Jornal das Moças*: 1 de Junho de 1914. Ed. 2. p.30.

MODAS E MODOS



Poucas novidades temos da ultima quinzena para trazer, nesta secção, ao conhecimento de nossas amáveis leitoras. As cabelleiras passaram a ser pintadas de branco, em Paris. Ainda não vimos aqui na nossa bella capital, um exemplo... mas não tardará sem duvida. Os chapéus, ah! estes agora, não entram mais na cabeça porque se lhes sup-

primiu absolutamente a cópa...

Agora o chapéu separa-se completamente da cabeça e deixa livre de toda a pressão o cabelo.

São chapéus chatos, feitos de palha ingleza muito fina ou de palha da Italia ou de tagal, armados por assim dizer por baixo da forma propriamente dita, com rebordo que faz assento e que, adornado com *hulle* ou com flores, cobrem os pentes que seguram o penteado muito alto a que a moda obriga.

Apresentamos dois modelos de chapéus confeccionados sob a influencia dessas innovações.

Temos visto em nossas avenidas gentis cariocas ornando as suas graciosas cabeça com esses novos modelos. Isto prova que a moda agrada. Esperemos agora as cabelleiras brancas...

Terminando, apresentamos ás nossas leitoras 4 soberbos figurinos *dernier cri*.



Chapéu dos últimos modelos com grande laço de fita

REGRAS DO BOM TOM

A APRESENTAÇÃO

NÃO se apresenta ninguém sem ter pelo menos a maxima probabilidade de que a apresentação é bem recebida por ambos.

Apresenta-se o mais moço ao mais velho e o inferior ao superior.

Não se apresenta uma senhora a um cavalheiro; mas este a uma senhora, depois de haver conseguido permissão della.

A apresentação faz-se, estando de pé as pessoas que se apresentam uma á outra, indicando o apresentante simplesmente o nome do apresentado.

Os apresentados cumprimentam-se, inclinando a cabeça; não se offercem as mãos.

Si o individuo tem que se apresentar, a si mesmo, fal-o, annunciando o seu nome, não precedido da palavra SENHOR.

Quando se passeia com um amigo e chega um terceiro, é desnecessario apresental-os.

Num baile, a dona da casa pode apresentar um cavalheiro a uma senhora sem previa permissão della,

Jornaes de modas figurinos, moldes, etc. encontram-se á venda na

AGENCIA DE PUBLICAÇÕES

Rua Gonçalves Dias, 78 — Telp. 1968-NORTE



Chapéu moderníssimo de palha com enfeites de flores

Imagem 4 - Revista *Jornal das Moças*: 15 de junho de 1914. Ed.3. p.14

Carla Silvia Beozzo Bassanezi Pinsky³⁴, em seu livro intitulado *Mulheres dos anos dourados*, se refere a este período, que vai de 1945 a 1964, como um marco importante de uma época onde era essencial para uma mulher adquirir um bom casamento e manter seu lar em constante harmonia e funcionamento. Ainda que, para isso, fosse necessário fingir que não tem conhecimento das traições de seu marido, caso isso ocorra. A mulher deveria estar sempre pronta a perdoá-lo. A vida monótona do lar poderia ser amenizada com os periódicos semanais, que eram verdadeiros manuais de instrução e entretenimento, com dicas para o dia-dia como o cuidado com os filhos, com o marido, moldes de bordado, costuras, partituras

³⁴ Historiadora e editora, doutora em Ciências Sociais pela Universidade de Campinas, aborda temas voltados aos estudos de gênero e família.

musicais, poemas, contos, venda de eletrodomésticos a fim de facilitar a vida no lar e muitos outros conteúdos de exclusividade feminina.

As classes média e alta da sociedade brasileira copiavam as inovações e eram influenciadas pela moda de Paris. Diante disso, surgiram diversas revistas ilustradas voltadas para o público feminino, trazendo tudo o que tinha de mais novo e sofisticado na Europa. Desde normas de etiqueta, receitas da gastronomia francesa, poesias e vestuário feminino. Assim chega ao Brasil os magazines que ilustram o modelo da nova mulher, trazendo ao imaginário feminino o ideal de “mulher moderna”.

Na obra do historiador alemão Erwin Panofsky, em seus métodos de análise das artes visuais, que há um estágio onde é necessário que se tenha a compreensão que uma obra não é um incidente isolado, mas sim o resultado, ou o produto de um ambiente histórico. Assim também podemos classificar as revistas femininas como produtos de um ambiente histórico permeado por disputas, interesses, ideologias, perdas, conquistas e diversos outros agentes influenciadores e modeladores que incutirão alguma marca ou característica no produto final da obra. Também podemos relacionar essa idéia de Panofsky com as imagens femininas construídas nos anúncios de propaganda depositadas nas revistas femininas.

Segundo ele, os registros humanos utilizam um conjunto de signos da qual a idéia necessita ser identificada e interpretada por quem a recebe. Logo, conforme a classificação organizada por Panofsky, do qual agrega os objetos formados pelo homem, que dispõe de uma intenção de experiência estética para a formação do conceito de belo, e aqueles que não a possuem, as revistas femininas poderiam ser encaixadas nos denominados “veículos de comunicação”.

Podemos afirmar que as revistas são caracterizadas como produtos de uma indústria cultural. Ao mesmo tempo em que seus criadores pretendem proporcionar entretenimento ao público leitor, eles visam lucrar seja para si ou para as editoras. Por estarem inseridas em um meio social e fazerem parte de uma determinada época, carregam traços destes em suas mensagens, sejam textuais ou imagéticas, basta que sejamos capazes de decifrá-los. Logo, as intenções no caso das revistas femininas, seriam mistas.

Erwin Panofsky afirma que na análise das obras de artes visuais, o processo de criação destas acaba sendo reconstituído na mente do observador – e que tal processo acaba contribuindo para um melhor exame de seus constituintes. Além disso, para o observador sempre pesa um conjunto de conhecimentos prévios, uma “bagagem cultural”, que influenciará na análise da obra e até mesmo conduzirá tal tarefa.

A experiência recreativa de uma obra de arte depende, portanto, não apenas da sensibilidade natural e do preparo visual do espectador, totalmente “ingênuo”. [...] Assim o observador “ingênuo” não goza apenas, mas também, inconscientemente, avalia e interpreta a obra de arte; e ninguém pode culpá-lo se o faz sem se importar em saber se sua apreciação ou interpretação estão certas ou erradas, e sem compreender que sua própria bagagem cultural contribuiu, na verdade, para o objeto de sua experiência³⁵.

Havia muitos espaços reservados a fotos comemorativas de pessoas importantes da época. Eram médicos, advogados, militares de alta patente, presidentes de Banco, engenheiros, festivais escolares, damas da alta sociedade, turmas de formandos e formandas. Era raríssimo, praticamente impossível encontrar uma pessoa negra nessas fotos. Assuntos referente a guerra não se tinha, no máximo um poema ou um romance fazia alusão ao duro acontecimento.

³⁵ PANOFSKY, Erwin. *Significado nas artes visuais*. São Paulo: Perspectiva, 1991, p.36.

CAPÍTULO 3

A REVISTA JORNAL DAS MOÇAS

As revistas femininas possuíam um amplo direcionamento ao público feminino. Elas Circundavam, majoritariamente, em torno de um ideário de mulher moderna. De uma forma geral suas capas eram ilustradas com mulheres jovens e belas, suas matérias apontavam como as mulheres deveriam se comportar com seus maridos, como elas deveriam se vestir para estar sempre elegantes e perfumadas, mesmo após um dia de muitos afazeres doméstico e cuidado com as crianças. A taxa de analfabetismo ainda era grande, por isso, as revistas eram voltadas, e pensadas, para alcançar a classe média, e alta, da sociedade. Além disso, as revistas não possuíam características científicas, elas eram guias diários e também funcionavam como uma forma de entretenimento.

A revista feminina *Jornal das Moças*, era um caderno semanal ilustrado, que circulava as quartas feiras, principalmente nas grandes capitais de todo Brasil e em algumas cidades do interior. Ela possuía o *Slogan*, “A revista de maior penetração no lar”, e tinha grande alcance entre a classe média feminina. Era composta com aproximadamente setenta e cinco páginas, com muitos textos e ilustrações. Junto ao periódico, a revista trazia um suplemento solto com moldes de roupas, crochê, bordados e etc. Durante os cinquenta e seis anos de sua publicação, a revista *Jornal das Moças* atravessou diversos acontecimentos históricos, políticos e

culturais, que foram de grande importância para o país, mas que na maioria das vezes não se refletiram nas páginas desta revista³⁶.

A sede da revista *Jornal das Moças* estava localizada na cidade do Rio de Janeiro e esteve sob a propriedade da *Editores Jornal das Moças Ltda*. Manteve-se sob os cuidados de seus fundadores, Álvaro Meneses e Agostinho Meneses em 1913³⁷, que contavam com a participação de inúmeros redatores. Embora a revista fosse destinada ao público feminino, a maior parte dos assuntos era produzida por homens. Seu primeiro exemplar circulou na cidade do Rio de Janeiro, no dia 21 de Maio de 1914. Eles eram entregues em diversas cidades do Brasil, tendo sua última publicação no mês de Dezembro de 1965. A Hemeroteca Digital Brasileira disponibiliza para livre acesso de quem se interesse os periódicos até o ano de 1961.

O preço da revista sofria alterações conforme as variações monetárias da sociedade. A princípio ela custava 400 réis, depois seu preço mudou, na década de 30 passa para 1 mil réis. Na década de 40 mudou para 2,00 cruzeiros, depois 3,00 cruzeiros, 5,00 cruzeiros e assim por diante. O último exemplar disponibilizado na Hemeroteca Digital, indica que o seu valor alcançou o patamar de 30,00 cruzeiros.

As matérias que ocupam uma parte significativa da revista *Jornal das Moças* circundam especificamente sobre a moda e a aparência feminina. Os elegantes trajes longos, os penteados e chapéus seguindo a moda de Paris, assim como a grande preocupação em estabelecer uma rotina de cuidados com a aparência, a fim de manter-se sempre bela e jovial. Este periódico também era conhecido como “a revista da mulher no lar e na sociedade” era voltado exclusivamente para assuntos concernentes a uma vida de cuidados com a beleza, organização do lar e zelo com família. Apesar das tarefas domésticas demandarem muito tempo, pois tinham que educar as crianças, cozinhar, lavar, passar, bordar e etc., as mulheres deveriam manter-se sempre belas.

Seu conteúdo a princípio era inspirado exclusivamente na moda européia e nos magazines ilustrados do século XIX, cujos conteúdos eram direcionados exclusivamente ao público feminino, a influência da cultura norte-americana também fez parte das páginas ilustradas deste periódico. A revista disponibilizava informações referentes às condições de

³⁶ Na revista *Jornal das Moças*, as publicações referentes aos dias 16 e 23 de fevereiro de 1922, apesar de terem sido publicadas no mesmo período da Semana de Arte Moderna, não fazem nenhuma menção sobre o importante acontecimento, que por sua vez reuniu em São Paulo inúmeras personalidades que marcaram o início do Modernismo em nosso país. Assim como os exemplares correspondentes aos anos de 1942 até 1945 não fazem nenhuma alusão a Segunda Guerra Mundial.

³⁷ SOARES, Diogo dos Santos. *O Jornal das Moças e os outros jornais*. XXI Congresso de iniciação científica da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. 2014. Acessado em 10 de Agosto de 2018.

pagamento de sua assinatura, que poderia ser semestral ou anual. Havia um espaço destinado à exposição de bilhetes postais enviados pelas leitoras e alguns leitores, seu conteúdo era diversificado, desde recados, anúncios até declarações poderiam ser divulgados neste espaço. A leitora que quisesse ter seu retrato publicado em um próximo exemplar da revista, poderia enviar sua foto ao endereço especificado, para que fosse, por meio de um sorteio, escolhida para ilustrar um dos próximos periódicos semanais. Alguns exemplares traziam curiosidades como, o surgimento da *História da Arte* clássica.

As revistas possuíam um diferencial voltado para a literatura. Há um grande número de poemas e contos em seus periódicos, só não passa o número de propagandas e anúncios. As partituras musicais, moldes de roupa para costura e bordados, tudo distribuído sem um padrão contínuo de divisão das páginas que hora estão em duas ou três colunas verticais, ou em duas horizontais, ou em folha inteira principalmente quando se trata de partituras e bordados ou divididas em quatro partes. A revista *Jornal das Moças* foi um periódico voltado para as mulheres que alcançou o primeiro lugar entre as revistas de seu tempo. O periódico trazia, também, publicações de fotos, eventos, comemorações, casamentos ou aniversários de pessoas ilustres.

3.1 POR DENTRO DA REVISTA

Com o intuito de aprofundarmos a análise e relevância da revista *Jornal das Moças*, faremos uma breve explanação de alguns conteúdos predominantes em suas edições na primeira metade do século XX. Assim, buscamos evidenciar como, independente dos autores das colunas e dos seus títulos, a revista apresentou uma linha contínua em suas páginas ao longo de sua existência.

3.1.1 A PROPAGANDA

Desde o início, como na maioria das revistas, a propaganda ocupa um espaço importante na revista "*Jornal das Moças*". Contudo, há de se considerar as modificações ocorridas durante os anos de edição da revista. Se na primeira edição, encontramos anúncios comuns e objetivos com o serviço oferecido, o nome a ser procurado, o endereço e/ou telefone, posteriormente veremos uma grande influência de *markentig* relacionando o produto

com o público-alvo com apelos emocionais, psicológicos, profissionais e de saúde. Abaixo apresentamos um anúncio do primeiro exemplar da revista “*Jornal das Moças*”.



Imagem 5 – *Jornal das Moças*: 21 de Maio de 1914. Ed. 1. p.4

À medida que avançamos na pesquisa começamos a encontrar construções diferenciadas objetivando um alcance direcionado ao público feminino. A sensação é de que com o passar dos anos, a revista conquistou uma parcela específica das mulheres na sociedade. Nesse caso, a classe média parece ter abraçado a leitura semanal dialogando com as respectivas publicações. Assim, os anúncios começam a oferecer elementos específicos para o envolvimento das leitoras. Se a beleza era algo importante, a venda de um sabonete passa a ser relacionada com o alcance desse objetivo. Soma-se a isso, a legitimação da qualidade com base nos ingredientes utilizados em tais produtos.

Folheando diversos exemplares, encontramos a ênfase na importância da pele para a mulher. Ter uma pele bonita era fundamental para a mulher que objetivava a beleza. Percebemos, assim, que a propaganda do sabonete “Eucalol” destaca a eficiência do produto que irá promover na mulher uma pele clara, rosada e fragrantes, e por esse motivo quem utilizar Eucalol terá “orgulho onde quer que vá.” Ainda nessa direção destacamos um anúncio do medicamento “Hysterelgina” como vemos na Imagem 6



Imagem 6 – *Jornal das Moças*: 16 de agosto de 1934. Ed. 1000, p. 6

Ao analisarmos a Imagem 7, com seu título inusitado “O feminismo Triunpha”! Isso porque, nesse período as mulheres ainda não tinham conquistado o direito ao voto, entre outras reivindicações. O vulto do movimento feminista, ainda na primeira onda, parece não ser bem compreendido pelo autor do anúncio. Percebemos que a abordagem inicial de uma superação dos preconceitos passando pela concorrência direta com os homens é contradita com a justificativa de que existem doenças exclusivas ao sexo feminino. A leitura final revela que o medicamento “como nenhum outro, acalma, estimula e regulariza as funções uterinas.” É como se o anúncio afirmasse que a mulher pode disputar um lugar com o homem no mercado de trabalho desde que ela resolva os seus problemas por ter um útero.

O Feminismo Triunpha

Realmente, abolindo os antigos preconceitos e concorrendo com o homem nos mais arduos labores da vida quotidiana, a mulher moderna demonstra a sua capacidade para occupar qualquer cargo da actividade humana.

Entretanto, para o bom desempenho dos serviços que lhes são confiados, é necessario attenuar e corrigir os effeitos das doenças proprias ao seu sexo. As palpitações, vertigens, enjões, atordoamentos, insomnias, nervosismo, hysterismo, neurasthenia etc.. são signaes evidentes de que a sua saude está alterada.

O medicamento que está tendo grande acceitação pela sua rapida e efficaz actuação em todos os incomodos de senhoras, é o excellente preparado **Hysteralgina**, escrupulosamente manipulado pelo Laboratorio Vial e considerado por inumeros medicos como o melhor remedio no g-nero, porque como nenhum outro, acalma, estimula e regularisa as funções uterinas.

Lic. 1281 de 24 - 3 - 923. Ativar o

Imagem 7 – *Jornal das Moças*: 15 de Janeiro de 1925. Ed.111031. p.15

3.1.2 - APARÊNCIA E BELEZA

A leitura de alguns exemplares da revista *Jornal das Moças*, revela a beleza como um tema de extrema importância em sua composição. A sensação é a de que a aparência era uma grande preocupação feminina daquele período, e a revista investia no tema como uma forma atrativa. É assim que o exemplar de número mil traz uma coluna com “conselhos de beleza” com o seguinte título: "Perigos a evitar". Em sua apresentação, o autor da coluna afirma que “toda mulher, como é natural, deseja, de qualquer modo, embelezar-se, por isso, procura aplicar todos os meios aconselhados para se fazer bella.”³⁸. Percebemos que a citação representa a justificativa para que mulheres busquem conselhos para alcançar a beleza. Podemos destacar, ainda, a generalização presente na afirmativa, “toda mulher”! Esta desconsidera, certamente, uma gama de mulheres que não valoriza tal questão. Outro fator importante é a expressão "como é natural". Sendo assim, encontramos evidência da tentativa de construção de um referencial normativo para a figura da mulher. Onde a naturalização de um padrão é nitidamente elaborado.

Merece destaque a associação de sentimentos considerados negativos com a construção do feio. Nesse sentido, o autor da coluna afirma que "Entre os perigos a evitar, para que a mulher não se torne feia, estão os seguintes: a maldade, a inveja, a intriga e a vaidade." Observamos a tentativa de construção, ou influência na personalidade das leitoras, onde determinados sentimentos não podem estar associados à beleza. Com isso, podemos afirmar, também, uma construção da maneira em que as mulheres deveriam interpretar a beleza. Ou seja, se uma mulher achasse outra mulher bonita, tal mulher dotada de beleza não poderia ser má, invejosa, “intriguenta” ou vaidosa, visto que esses sentimentos produziriam feiúra na mulher. O caso se agrava quando algumas linhas depois encontramos a explicação de que "Todos esses máos sentimentos provocam rugas no rôsto que se podem tornar permanentes, prejudicando grandemente a expressão physionomica, que é tudo em uma mulher." Assim, qualquer mulher sem rugas, portanto bela, não teria em si nenhum desses sentimentos. Talvez o mais grave seja a afirmação final: "expressão physionomica, que é tudo em uma mulher." que representa a figura esclarecedora do entendimento da representação da mulher naquele período. Um rosto a ser contemplado! Não o cérebro, não a sua atuação em sociedade. O mais importante a ser evitado pelas mulheres era uma fisionomia ruim. Apesar destas afirmações, compreendemos a possibilidade do público alvo buscar na revista tais informações. Isso, porque sendo a mulher um ideal de beleza, também naquele período,

³⁸ Revista *Jornal das moças*, 16 de Agosto de 1934, Ed. 1000. p. 7.

certamente desenvolveu-se uma preocupação por essa questão que as levava a consumir tais periódicos no intuito de se manterem modernas.

Ainda na coluna "Conselhos de beleza", o tema é direcionado para os "Olhos e bocca"³⁹. Aqui podemos observar a relação que se faz entre a expressão e a beleza feminina. Conforme a seguinte afirmação: "Um rosto formoso que careça de expressão obscurece o horizonte da beleza feminina". A mulher jovem, sem rugas e marcas no rosto, precisa exercitar a região dos olhos e boca para conservar sua beleza. Uma pele jovem caracteriza formosura. Nesta coluna lista-se uma sequência de exercícios faciais que são exclusivamente para os lábios e olhos que as mulheres devem fazer, a fim de eliminarem toda a expressão de cansaço, tornando a pele firme e bela, livre de rugas e pregas. "Os exercícios devem cultivar a expressão dos olhos e da bocca ao mesmo tempo, para que não deem uma aparência de maior idade do que a real". A efígie do belo na representação do feminino nas revistas femininas põe à amostra seus corpos "perfeitos", trazendo incentivo e ensinando como por a risca dietas que se dizem infalíveis, exercícios físicos, intervenções cirúrgicas, acessórios e cosméticos que contribuem para mantê-las de acordo com o padrão ideal de beleza e peso a ser seguido.

A mesma coluna, em outra edição oferece conselhos de como cuidar da pele do corpo, pois percebemos através de nossas análises que o cuidado com a saúde da pele é uma questão de grande importância para aquela época, principalmente para a mulher, pois denotava, beleza, saúde e vitalidade. Mas o que mais nos chamou atenção encontra-se em um espaço a parte, no final desta mesma coluna a revista traz a seguinte afirmativa: "Os homens têm um objectivo no amor; a duração deste sentimento é a única felicidade das mulheres"⁴⁰. Esta afirmação traz uma idéia de que a mulher só pode conhecer a felicidade quando amada por um homem, como se não pudesse haver nada mais que a fizesse feliz.

Dezesseis anos depois, encontramos uma coluna com o seguinte título: "Os grandes desastres". O subtítulo dessa coluna é "pequenos tormentos."⁴¹ Nessa coluna, o autor apresenta dicas de correção da aparência para moças jovens. De maneira direta podemos perceber que alguns sinais aparentes no corpo da moças jovens causavam tormentos por serem considerados defeitos físicos relacionados a feiúra. O conselho básico é "não se atormentem, pois, as jovencinhas que nos lêem e tenham sempre em mente que a perfeição é obra raríssima." Em seguida a coluna apresenta os defeitos mais comuns: "Tem você um

³⁹ Revista Jornal das Moças, 7 de Junho de 1934. Ed. 990, p.9

⁴⁰ Revista Jornal das Moças, 6 de Setembro de 1934. Ed 1003, p.8

⁴¹ Revista Jornal das Moças, 13 de Setembro de 1950, Ed. 1817, p.8

duplo queixo?"; "Tem você um pescoço muito alto?" ; "Sua silhueta e' pouco notável?" ; "Tem você os tornozelos grossos?". Para cada um dos defeitos uma forma de corrigi-los ou amenizá-los. Estes vão desde a prática de exercícios físicos até as dicas de penteados. É importante destacar, como a padronização do corpo da mulher é marcadamente ditada com destaques negativos. Como no exemplo dos tornozelos grossos onde o autor afirma de maneira categórica que "se tem, procure acabar com isso, pois cá entre nós, é um defeito que está entre os primeiros da fila." Dessa maneira, podemos perceber o conceito estabelecido da beleza no corpo da mulher. Uma mulher bela, não poderia ter duplo queixo, pescoço longo, deveria ter uma silhueta bem notável e tornozelos finos.

3.1.3 - MODOS E COMPORTAMENTO

Além de abordar a temática da beleza, dar conselhos de como alcançá-la, a revista também possui um amplo investimento na modelação do comportamento de suas leitoras. Nesse sentido, encontramos em diversos números as formas corretas de se portar e agir, além de instruções daquilo que é indispensável àquelas que são mães. Destacamos assim, a coluna intitulada “Deveres de boa Educação”⁴² pois nesse edição as leitoras aprendem a maneira correta e educada de realizar uma visita. O primeiro “ponto básico é: Nunca se deve surpreender alguém, em sua moradia, mesmo em se tratando de figura estreitamente ligada à nossa afeição”. Outra dica importante é como devem ser feitas as felicitações a um aniversariante: “comumente se fazem por intermédio de telegramas ou cartões individuais...”. “Só quando formos expressamente convidados pelo homenageado ou algum componente da família, é que se admite o comparecimento à residência em festa.” Identificamos, assim, o estabelecimento de condutas socialmente definidas como corretas, sendo transmitidas com o objetivo de padronizar o comportamento das leitoras.

Outra coluna encontrada tem um título que mistura maternidade e religião: Como podemos observar na Imagem 8 “O Evangelho das mães” encontramos a publicação a baixo:

⁴² Revista Jornal das Moças, 4 de Janeiro de 1945. Ed.1542, p.10



Imagem 8 – *Jornal das Moças*: 11 de Janeiro de 1945. Ed. 1543. p.14

Os subtítulos da coluna são nitidamente voltados para estabelecer a maneira correta que uma mãe deve se comportar, além daquilo que ela deve dominar para uma boa educação dos filhos. Destacamos o subtítulo “pensamentos que as mães devem repetir aos filhos”. Neste exemplar o sentimento a ser suprimido é a inveja. Um dos pensamentos proposto é de que “os que tem inveja são pobres, aqueles aos quais se inveja são ricos.” A figura que se doa está representada no subtítulo “roupa tecida”. Nesse trecho afirma-se que “tecer roupas é um dos trabalhos a que as mães se entregam modernamente com prazer.” Para não ficar só nas afirmações normativas, a coluna ensina qual a melhor agulha a ser usada para tecer.

CAPÍTULO 4

REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA REVISTA

JORNAL DAS MOÇAS

Antes de abordarmos a maneira como a mulher foi representada na Revista *Jornal das Moças*, é importante aprofundarmos o tema, explicitando como a mulher era compreendida nesse período. Sobretudo se considerarmos que a revista que serve de base para o presente trabalho, apesar de ser escrita para ser lida por mulheres era predominantemente desenvolvida por homens. Nesse sentido, iremos olhar mais de perto a relação entre o feminino e o masculino no período onde a revista teve sua maior divulgação.

Fato marcante na revista *Jornal das Moças* é a quantidade de conselhos e orientações práticas para as mulheres. Para uma leitora menos avisada, passa despercebido que tais indicações foram feitas por homens. Michele Perrot explica que

(...) as mulheres, em primeiro lugar, são vistas, descritas e representadas pelos homens. Trata-se em seguida de imaginar as mulheres através desses depoimentos. Isso implica um trabalho de análise crítica e desconstrução da linguagem e das imagens, que faz parte dos métodos atuais de decifração dos discursos e dos quais a história das mulheres é parte integrante no mais alto ponto. Ela serve-se dos mais contemporâneos materiais e instrumentos para atender a suas próprias necessidades (Michele Perrot)

Identificamos que, o espaço público, no período histórico da nossa pesquisa, pertencia predominantemente aos homens. E Para que estes continuassem a atuar exclusivamente, ao longo de tanto tempo, foram criados mecanismos que legitimaram e fortaleceram seu discurso sobre a mulher. Diante disso, o feminino permanecia em um ideal de fragilidade, formatado para o ambiente privado, submetido a figura da boa esposa, boa administradora do lar e boa mãe. Sendo assim, A maior parte das revistas direcionadas ao público feminino no início do século XX representava uma importante ferramenta para a manutenção do *Status quo*.

A socióloga Heleieth Saffioti trabalha com uma idéia de relação de dominação-exploração. O tema central de seu livro, “O Poder do Macho”, é o questionamento, e a sua análise repousa basicamente sobre o poder e a dominação do sexo masculino sobre o sexo feminino. Para Saffioti “a construção social da supremacia masculina exige a construção social da subordinação feminina. Mulher frágil é a contraparte de macho forte”⁴³.

A imagem da mulher representada nos meios de comunicação de massa sejam eles jornais, revistas, televisão ou outdoors, sempre esteve atrelada a estereótipos femininos com características que as diferem do homem. Assim a mulher que é representada com estereótipos de fragilidade e submissão. O homem, por sua vez, se caracteriza pela força, domínio, e liderança, ele está destinado ao trabalho fora do lar, sua imagem esta naturalizada com o ambiente publico. Para Saffioti, a imagem da mulher posta nos meios de comunicação, estava obedecendo aos padrões que eram antes estabelecidos pela sociedade. Diante disso, ela expõe duas identidades que eram básicas às representações do feminino a de boa esposa, ou, a outra. Saffioti afirma que “A mulher encarna ou a figura da dona-de-casa, fazendo publicidade de produtos de limpeza, alimentos, adornos, ou a figura da mulher objeto sexual, anunciando perfumes, roupas e jóias destinado a excitar os homens.”⁴⁴

As mulheres eram representadas com as características dos estereótipos predominantes de seu tempo. O ambiente feminino era relacionado ao espaço privado. Mesmo quando eram relacionadas exclusivamente para os afazeres domésticos, as mulheres deveriam se manter sempre bonitas, bem vestidas e com a aparência saudável, seja para a conquista de um bom casamento, ou para esperar o marido chegar do trabalho. Esta característica ao longo da história esteve configurada sob uma relação de poder e dominação masculina. Assim, o homem esteve como maior detentor dos mecanismos para a delimitação e manutenção dos papéis sociais, tanto no espaço público quanto no espaço privado. As mulheres que eram representadas nas revistas traziam exclusivamente uma imagem posta sobre um ideal de

⁴³SAFFIOTI, Heleieth. *O Poder do Macho*. Editora Moderna. São Paulo, 1987. p.29

⁴⁴ SAFFIOTI, Heleieth. Op. Cit. p.30

beleza a ser alcançado por elas. Nesse modelo de sociedade, onde a mulher ainda era vista como inferior ao homem, a autoridade da casa pertencia a figura paterna. De acordo com Carla Pinsky

A família conjugal é o modelo dominante. Nas casas de classe média, as famílias são de fato tipicamente compostas por pai, mãe e filhos (...). A autoridade máxima ainda é conferida ao pai, 'o chefe da casa', e garantida pela legislação que reconhece o trabalho masculino como a principal fonte de recursos da unidade doméstica. As leis também enfatizam a imagem da mulher exclusiva ou prioritariamente dedicada ao lar e à procriação⁴⁵.

A representação do feminino passava pela figura do tradicionalismo que por meio dos meios de comunicação era reforçada a garantir um padrão tradicional da imagem da mulher. Frente esta situação, a idéia de modernidade trazida da Europa influenciava na construção de um ideal de mulher reclusa ao ambiente do lar. Em contrapartida, já havia um discurso vindo dos movimentos feministas que tentavam modificar a imagem social da mulher e de seu papel frente a sociedade.

Analizamos algumas contribuições feitas pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, que se encontram especificadas em seu livro *A Dominação Masculina*⁴⁶. A história social durante muito tempo foi produzida e escrita por homens. Assim, “a cultura dominante contribuiu para a integração real da classe dominante”⁴⁷ e suas produções, e ensinamentos, se estabeleceram mediante o que Pierre Bourdieu ira chamar de *Poder Simbólico*. Segundo ele, é um poder invisível. Sendo assim, “os “sistemas simbólicos”, como instrumentos de conhecimento e comunicação, só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados”⁴⁸. A caracterização do modelo ideal de feminino, não consegue escapar das representações produzidas pelo homem como projeção de seus desejos. Desde mãe a esposa, a mulher vive uma eternização de um corpo sob constante serviço do masculino. A escritora feminista Laura Mulvey, logo no início do século XX faz uma análise relativa à atribuição da mulher no cinema e escreve a seguinte frase: “ Num mundo estruturado por assimetria sexuais, o prazer de olhar polarizou-se entre activo/homem e passivo/mulher”⁴⁹.

⁴⁵ PINSKY, Carla Bassanezi. *Mulheres dos anos dourados*. São Paulo: Contexto, 2014, p. 18.

⁴⁶ BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. 11ª ed. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2012.

⁴⁷ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1989. p. 10.

⁴⁸ BOURDIEU, Pierre. Op. Cit. p.9

⁴⁹ MULVEY, 2011, p. 124. In. <<https://splashpages.wordpress.com/2017/08/31/a-ameaca-feminina-e-feminista-aos-quadrinhos-de-super-herois/>> Visualizado em: 18 de Fevereiro de 2019.

De acordo com Mulvey a figura feminina é moldada conforme a projeção do olhar fantasioso masculino. Bourdieu, em concordância com o pensamento de Mulvey, afirma que “Se a relação sexual se mostra como uma relação social de dominação é porque ela está construída através do princípio de divisão fundamental entre o masculino, ativo, e o feminino, passivo”⁵⁰. Por isso, mediante esta divisão, o desejo masculino para com o feminino é um desejo de posse, já o desejo feminino, como “subordinação erotizada”. Como podemos observar, existe uma divisão entre os papéis sociais que diferenciam o homem da mulher, isso faz parte de uma construção social que se dá através da diferenciação dos Gêneros em feminino e masculino⁵¹.

O corpo da mulher durante muito tempo foi um instrumento de apropriação exclusiva do homem. O homem historicamente era quem estabelecia os limites e comportamentos do corpo feminino dentro e fora dos espaços sociais. Para Pierre Bourdieu existe na sociedade uma violência que se constata como uma violência de âmbito simbólico que, apesar de ser uma violência invisível, é muito exercida nas vias simbólicas da comunicação e conhecimento e as revistas femininas, assim como qualquer outro meio de comunicação social, possuem um caráter de propagação desse modelo. Segundo Heleieth Saffioti a responsabilidade de cuidar da casa assim como a de socialização dos filhos constitui um dever a ser exercido pela mulher. O espaço doméstico destinado à mulher já se tornou algo naturalizado pela sociedade, com isso

A identidade social da mulher, assim como a do homem, é construída através da atribuição de distintos papéis, que a sociedade espera ver cumpridos pelas diferentes categorias de sexo. A sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que pode operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos que pode atuar o homem⁵².

Para a socióloga Heleieth Saffioti, o espaço doméstico sempre foi um ambiente socialmente desvalorizado, o que faz com que “os poderosos tenham interesse em instaurar a crença de que este papel sempre foi desempenhado por mulheres”⁵³. E assim vão se construindo estereótipos cuja força se encontra no poder do molde, e “quem não entrar na

⁵⁰ BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Op. Cit. p.31.

⁵¹ Este texto foi publicado por Teresa de Lauretis que é professora do Departamento de História da Consciência da Universidade da Califórnia, Santa Cruz. O texto recebe o nome em português de *A tecnologia do gênero*. Disponível em: <<http://marcoareliosc.com.br/cineantropo/lauretis.pdf>> Visualizado em: 5 de Agosto de 2018.

⁵² SAFFIOTI, Heleieth. *O Poder do Macho*. Editora Moderna. São Paulo. 1987. p. 8

⁵³ *Ibidem*, p.11.

fôrma corre o risco de ser marginalizado das relações consideradas “normais”. O conceito de “normal” é socialmente construído pelo costume”⁵⁴.

Neste processo de investigação da representação da mulher, e da dominação do corpo feminino através de mecanismos de controle, observados durante a análise dessas revistas, percebemos, conforme nos mostra Norbert Elias em seu livro *O Processo Civilizador*, que “O padrão social a que o indivíduo fora inicialmente obrigado a se conformar por restrição externa é finalmente reproduzido, mais suavemente ou menos, no seu íntimo através de um autocontrole.”⁵⁵ Sendo assim, pode-se dizer que a construção da figura feminina passou por diversas adequações que se estendem até os meios de entretenimento. A mulher foi moldada por tanto tempo que sua imagem encontra-se estigmatizada a figura frágil e sensível. Essa construção que percorre séculos proporciona aos homens direitos que se sobrepõe aos das mulheres, estabelecendo costumes, crenças e leis que limita a mulher na atuação direta da vida em sociedade.

Por longos anos os direitos femininos foram menores que os do homem, inclusive os relacionados a satisfação sexual. Jefferson Daibert, na obra *Direito de Família*, tecendo comentários sobre o adultério, apresenta a opinião de doutrinadores que vêem na infidelidade masculina um ato menos grave, considerado um mero capricho viril, que em nada ameaça o amor conjugal; diferentemente, quando praticado pela mulher, destruindo a afeição marital. A justificativa encontrada para o adultério masculino era a da bigamia inata nos homens⁵⁶

Ao iniciarmos uma análise iconográfica das capas das revistas *Jornal das Moças*, podemos perceber que a maior parte das mulheres representadas nelas eram pessoas da alta sociedade, desde mulheres e senhoritas de famílias ilustres até mulheres do meio artístico estrangeiro. Uma característica importante a se destacar é que todas possuíam a pele bem branca, os cabelos bem penteados e sempre curtos, aproximadamente na altura da nuca. As capas não seguiam um único padrão imagético, havia períodos em que elas passavam por significativas modificações. No ano de 1932 algumas capas trouxeram no lugar da foto de uma mulher, o desenho como aqueles feitos por estilistas de moda, como podemos ver no exemplo da Imagem 9, as modelos foram desenhadas dando continuidade à imagem de

⁵⁴ Ibidem, p.39.

⁵⁵ ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. p. 135. E o continua no mesmo verso falando acerca do autocontrole “...que opera mesmo contra seus desejos conscientes.”

⁵⁶ RIBEIRO, Simoni Clós Cesar. *As inovações constitucionais no Direito de Família*. Jus Navigandi, Teresina, ano 7, n. 58, 1 ago. 2002. p.2. Disponível em: <http://jus.com.br/revista/texto/3192>. Acesso em 18 de Junho de 2018.

mulheres magras e bem vestidas. A revista *Jornal das Moças* tratava de diversos assuntos relacionados ao universo feminino. De uma maneira geral podemos identificar quatro figuras predominantes na representação da mulher apresentada pelo periódico. A Dona de casa eficiente, a mãe especialista e habilidosa, a boa esposa e a imagem idealizada de beleza agradável ao homem.

Em *O Mito da Beleza*, a autora Naomi Wolf mostra que apesar das conquistas alcançadas pelas mulheres nos últimos anos, ainda há um grande obstáculo a ultrapassar que é o “modelo idealizado de mulher” que foi sendo construído e consolidado durante muito tempo em diversas culturas. A manipulação da imagem do ideal feminino faz com que inúmeras indústrias invistam na padronização de um ideário de beleza feminina a ser seguido e reproduzido por outras mulheres. Como podemos observar nas **Imagens 10**, o padrão de beleza representado na revista *Jornal das Moças*, está posto sobre o modelo da mulher européia. São mulheres brancas sempre bem vestidas, magras, com cabelos lisos e bem penteados. Um estereótipo raro entre a maior parte das mulheres brasileiras, que por sua vez apresentam características miscigenadas.



Imagem 9 - Jornal das Moças: 17 de Novembro de 1932. nº 909. Capa.



Imagem 10- *Jornal das Moças*. 30 de Dezembro de 1948. Edição 01750 p.06.

Por tornarem-se alvo desses padrões estabelecidos pela mídia e pela sociedade, as mulheres buscaram mecanismos que as auxiliassem nessa construção. Como vemos na Imagem 11, a beleza para a mulher passa a tornar-se uma obrigação. Essa imagem “bela” que a mulher deve apresentar tornasse uma exigência que não recai sobre o homem. Na Imagem 12 temos três anúncios direcionados à mulher, o primeiro se encontra do lado esquerdo, faz a propaganda de uma Pasta intitulada “Domadora de cabelos”, sua finalidade é alisar os cabelos crespos deixando-os lisos, as mulheres que ilustravam as capas dos almanaques, nenhuma delas possuía cabelos crespos. O segundo anúncio, na parte superior do lado direito da página, oferece um tratamento sem dor para eliminar cravos e espinhas do rosto e dorso. Manter a pele saudável e clara fazia parte do padrão estético das modelos das revistas. Por último, na parte inferior do lado direito, encontramos a propaganda de um medicamento que elimina as dores e transtornos ocasionados pelo período menstrual, que não permite a mulher divertir-se

e nem dedicar-se a seus afazeres. As tarefas do lar demandavam tempo, logo, era fundamental a mulher estar bem disposta para executá-los.

Para Naomi Wolf a mídia impõe um padrão de beleza relacionado à figura da mulher e essa imposição é extremamente prejudicial. Já no subtítulo de seu livro podemos constatar tal afirmação quando lemos “*Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*”. De forma geral, ela explica que por influência do patriarcado, a sociedade encontra-se exposta a influências da mídia, da literatura e das relações existente entre homem e mulher. Ao longo do tempo esses agentes construíram mecanismos de controle que dificultaram a emancipação feminina. Uma das diversas atribuições feitas às mulheres para a perpetuação desse controle foi a de ter uma vida direcionada ao cuidado com a família e com o lar, exatamente como encontramos em diversas páginas no *Jornal das moças*. A mulher feminina também precisava estar envolta em uma aura de pureza, delicadeza e beleza. Para Naomi Wolf

Desde a Revolução Industrial, as mulheres ocidentais da classe média vêm sendo controladas tanto por ideais e estereótipos quanto por restrições de ordem material. Tal situação, exclusiva desse grupo, revela que as análises que investigam as “conspirações culturais” são plausíveis apenas em relação a elas. A ascensão do mito da beleza foi somente uma dentre as várias ficções sociais incipientes que se disfarçavam como componentes naturais da esfera feminina para melhor encerrar as mulheres que ali estavam⁵⁷.

A revista *Jornal das moças* cumpria um papel muito relevante no controle do comportamento feminino e na padronização de seu estereótipo, a fim de fazer com que a mulher fizesse todo o possível para alcançar a beleza. Como podemos observar na Imagem 13, uma propaganda encontrada na revista, coloca à venda uma Pasta Russa que diz ser o único medicamento existente no mundo inteiro capaz de deixar os seios femininos lindos, desenvolvidos, fortificados e aformoseados, pois de acordo com ela “Mais valem uns lindos seios do que uma bonita cara”. Para Betty Friedan, o Brasil assim como os Estados Unidos se utiliza dos meios de comunicação para manipular as mulheres a consumirem até o que não é necessário. As revistas femininas apresentam para seu público um padrão de beleza que não reflete a realidade da grande maioria feminina.

⁵⁷ WOLF Naomi. *O Mito da Beleza: Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. Ed. Rocco. Rio de Janeiro, 1992. p.18 e 19.

A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos creme de alface "Brilhante" ultra-concentração que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para a pigmentação.

O vigor, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o.

É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.

— 66 —

Imagem 11 - *Jornal das Moças*: 30 de Dezembro de 1948. Edição 01750. p.64

JORNAL DAS MOÇAS 22-9-1938

SEM
processos
perigosos e
torturantes



embeleze o seu
rosto e dorso.

CREME-VACCINA
elimina espinhas,
acne e cravos, sem
irritar a pele e sem
reações.

**A mulher não nasceu para
sofrer**

Desde que para a mulher se inicia o período da puberdade, as funções peculiares do seu sexo devem processar-se normalmente. Mas não acontece, sobrevem uma série enorme de transtornos em todo o organismo; são as "crises", o deprimido nervoso, o desânimo, a irritabilidade, a exaustão, o deprimimento geral. A mulher sofre, então, verdadeiras suplícios. Não tem prazer para divertir-se, nem disposição para seus afazeres.

Mas a mulher não nasceu para sofrer. Em defesa de sua saúde conta ela com o REGULADOR SIAN, previsto oficialmente sendo por base a "Cortisol plástica", auxiliado pelo "Viburno", e "Delstilla", a "Disidra" e "Argonada", etc.

O REGULADOR SIAN, testificado o aparelho interno da mulher, combate com extrema eficácia todas as irregularidades e males consequentes sobre o seu estado geral.

No REGULADOR SIAN está o tranqüilidade, a saúde e o bem estar das mulheres.

DOMADORA DE CABELOS
ANALISADA PELA SAÚDE PÚBLICA



DEPOIS
permanente cabelos crespos.
Não irrita a pele e é inofensiva.

EM SEUS BARRIOS FACILITA E HÁ MILHARES CASAS DO RIO

Asses REGULAR, pelo Serviço 18000
DEPARTAMENTO DE SAÚDE PÚBLICA, MEDIANTE VALOR POSTAL PARA
"DOMADORA DE CABELOS" - AV. PAISSI, 82-Subs. - RIO.

Imagem 12 - *Jornal das Moças*: 22 de Setembro de 1938. Edição 01214. p.9.

Porque não fazeis todo o possível para dar o maior realce á vossa Formosura??

Mais valem uns lindos SEIOS do que uma bonita CARA



FEIÇÕES sem belleza e sem regularidade não impedem que uma mulher se torne encantadora e fascinadora, se consegue alcançar uns Seios bem cheios e de formas bem arredondadas. O essencial da verdadeira belleza não consiste em ter uma cara bonita, que rapidamente emurchece, mas sim possuir um BUSTO perfeitamente desenvolvido que resista ao tempo e aos annos e faz da mulher um conjunto harmonioso de graça e formosura. A mulher que attrahe pelos seus encantos, é a que é redonda e bem formada, cujos Seios são bem cheios e bem desenvolvidos. O professor G. Ricabal diz: — « Nada iguala a uns Seios fortes e arredondados para dar realce á formosura da mulher ». Todas aquellas mulheres a quem a natureza favoreceu dessa sorte casam mais cedo, são mais requestadas e desejadas e despertam maiores paixões do que as suas companheiras menos avantajadas. Os homens desviam-se desiludidos das mulheres desprovidas de Seios fortes e attraentes, como se lhes faltasse alguma coisa absolutamente indispensavel.

A Pasta Russa do Doutor G. Ricabal, Celebrre Medico e Scientista Russo, é o unico Medicamento existente no mundo inteiro, com que em menos de dois mezes a mulher obtém, sem causar

damno algum á Saude, uns Seios Lindos, Desenvolvidos, Fortificados e Aformoseados, produzindo rapidamente o endurecimento e a firmeza dos mesmos, em qualquer que seja a sua idade.

A PASTA RUSSA do Doutor G. Ricabal é Tonica e Reguladora das funções naturaes e que permite usar a até mesmo durante o periodo menstrual, sendo completamente inoffensiva á saude da MULHER.

Milhares de attestados affirmam o grande valor curativo da PASTA RUSSA do Doutor G. Ricabal.

Modo de Usar: A applicação da Pasta Russa é a mais simples possível. Pode ser applicada em qualquer hora, de preferéncia á noite, ao deitar-se, tendo o cuidado de pesa manha lavar bem os Seios com agua que tenha bastante Agua de Colonia de qualidade superior e com um sabonete medicinal ou mesmo de toilette.

Em seguida deve adaptar-se o Porta Seios de preferéncia feito de fló sob medida, afim de suspender com a maior naturalidade os Seios. O seu uso permanente temito com correto para a efficacia do tratamento.

A acção da Pasta Russa deve perdurar nos Seios, nunca menos de quatro horas e a applicação deve ser feita em todo Seio até o contorno do mamillo, em pequenas massagens, afim da Pasta Russa penetrar bem nos pórcos da pelle. É indispensavel fazer successivamente applicação da Pasta Russa por baixo do sovaco direito e do sovaco esquerdo porque, as glandulas do sovaco exsão em relação íntima e directa com as glandulas mamarias, assim a menor acção sobre os primeiros (glandilões) tem uma repercussão immediata sobre as (glandulas mamarias).

Encontra-se á venda NAS PRINCIPAES

Pharmacias, Drogarias e Perfumarias do Brasil

Deposito: Rua General Camara, 225 — Sobrado (junto a Avenida Passos)

RIO DE JANEIRO

Envia-se registrado pelo Correio, para qualquer parte do Brasil, mediante a quantia de 15000, enviada em carta com o valor declarado.

Ao Agente Geral — J. de Carvalho

CAIXA POSTAL N. 1724

RIO DE JANEIRO

AVISO - Estijam sempre A PASTA RUSSA do Doutor G. Ricabal — A PASTA RUSSA do Doutor G. Ricabal é um Remedio, não é nenhum liquido oleoso.

É um Medicamento attestado por grande numero de Mulheres curadas.

«VIDE OS ATTESTADOS E PROSPECTOS QUE ACOMPANHAM CADA CAIXA».

NÃO SE ILLUDAM!!!

Imagem 13- *Jornal das Moças*: 07 de Janeiro de 1926. Edição 00551 p. 38

Betty Friedan apresenta dados importantes que ela fez ao longo de suas pesquisas para escrever seu livro intitulado *A Mística Feminina*, sobre a busca pelo casamento entre as adolescentes americanas na década de 50. A busca por um marido era algo também influenciado pelas revistas femininas que faziam “campanhas” em torno da importância da mulher ser uma boa mãe, esposa e dona do lar.

Diante desta situação de construção do ideal de feminino e de família, percebemos que, a divisão de papéis sociais, atribuída a mulher e ao homem, se enraíza no imaginário da sociedade. Portanto, estas revistas compõem um *locus* de análise das imagens, e da ação do discurso, que modela e sujeita a mulher a uma determinada representação social do feminino.

Ao empregarmos os termos, feminino⁵⁸, femismo⁵⁹ e feminismo⁶⁰, podemos notar significativas dessemelhanças no uso destas sentenças. Quando utilizadas para abranger as representações das mulheres nas revistas femininas, a sua particularidade repousa majoritariamente, sobre a expressão do termo feminino (a). A revista tinha em seus conteúdos um viés conservador e até mesmo civilizador no que se refere ao pensamento e comportamento das leitoras, onde a figura feminina por diversas vezes se encontrava atrelada à função doméstica, já quando o foco esta relacionado à luta por igualdade de direitos entre homem e mulher usa-se o termo feminismo, ou feminista.

Quando relacionamos a questão da civilidade, concernente ao que é civilizado encontramos na teoria sobre os processos de civilização, do sociólogo alemão Norbert Elias, que as atitudes dos homens não são naturais, mas sim comportamentos que foram ao longo do tempo construídos pela sociedade. Assim, podemos entender o funcionamento das revistas femininas, como uma ferramenta civilizadora dos costumes. Essa ferramenta passa por diversas áreas, presentes no periódico *Jornal da Moças* como, o comportamento à mesa, o cuidado com os filhos, com o marido e com a casa. Mas seu principal objetivo é o cuidado diário que a mulher precisa ter com sua aparência. Ela deve estar sempre bela e saudável. Esse cuidado passa pelo que Elias irá chamar de “controle gradual de pulsões e afetos”, esta é uma característica que os indivíduos passam na interação social, é algo que está presente na civilização dos costumes. De acordo com o autor, o processo civilizador se perfaz a partir da interiorização das regras sociais, que se dá mediante a internalização de valores, normas e hábitos. Nota-se que, antes mesmo das normas de bons modos e etiqueta encontradas nos periódicos da revista *Jornal das Moças*, elas já se faziam presentes nos manuais de civilidade na época das cortes. Elias deixou em seu livro alguns exemplos de normas de etiqueta que dizem “é grosseiro enfiar os dedos no molho. Deve tirar o quer com a faca e garfo... É feio lambar dedos gordurosos ou secá-los no casaco”⁶¹. Passam por comportamentos no quarto

⁵⁸Que se refere a mulher ou a ela é particular: intuição feminina. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/feminino/>

⁵⁹ Femismo é a ideologia que prega a superioridade do gênero feminino sobre o masculino. É considerado o equivalente ao machismo, mas fazendo com que os oprimidos sejam os homens, enquanto que as mulheres seriam as opressoras. Disponível em: <https://www.significados.com.br/femismo/>

⁶⁰ Feminismo é um movimento político, filosófico e social que defende a igualdade de direitos entre mulheres e homens. Disponível em: <https://www.significados.com.br/feminismo/>

⁶¹ ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, v.1. p. 100 e 101.

Quando se despir, quando se levantar, não se esqueça do decoro e cuidado para não expor aos olhos de outras pessoas qualquer coisa que a moralidade e a natureza existem ser ocultada. Se dividir a cama com um companheiro, deite-se sossegadamente. Não mexa o corpo, pois pode descobri-lo ou causar inconveniência ao companheiro, puxando dele as cobertas⁶².

Como a produção da revista era feita, de maneira predominante, pelos homens. Dificilmente encontramos abordagens, ou valoração, da mulher no mercado de trabalho, ou em ambientes de estudos e capacitação profissional concorrentes a figura masculina. A participação direta das mulheres nesses almanaques existia, mas era pequena. Para Norma Telles esse resultado administrativo passa pelo que ela vai chamar de “tirania do alfabeto, tendo primeiro que apreendê-lo para depois deslindar os mecanismos de dominação nele contidos”⁶³. Como nos mostra Telles, ainda no século XIX as mulheres encontravam dificuldades em adentrar no mercado de trabalho e atuar de forma efetiva na sociedade, não tinham acesso a educação superior e menos ainda a ocupação de cargos públicos. Seus espaços estavam limitados ao ambiente do lar, com seus papéis estabelecidos pela sociedade tinham suas vidas voltadas exclusivamente para a vida privada e reclusa aos papéis familiares de boa esposa, mãe e administradora do lar. E esta era a representação feminina na revista *Jornal das Moças*.

O olhar sobre as revistas femininas como um instrumento de dominação e doutrinação patriarcal, ou como um manual de civilidade não é unânime, nem todos as tinham como um instrumento ideológico. Para Constância Lima Duarte, o universo das revistas femininas já no século XIX aduzia características que permeavam pelos dois pólos, de um lado um discurso direcionado para a manutenção do *status quo* de uma sociedade patriarcal, do outro lado havia uma adesão e difusão dos discursos feministas, o que abre caminho para as reivindicações femininas. Por esse e outros motivos, com o decorrer do tempo as mulheres foram alcançando lugares que antes eram preenchidos única e exclusivamente pelos homens. Para Duarte, há uma insuficiência de trabalhos ao longo da história da imprensa, que demonstrem como a mulher atuava de forma independente dentro da sociedade. Segundo ela, graças ao percurso traçado pela mulher, que não se satisfiz apenas com a função de leitora, mas também se colocou na função de redatora, ela tomou força e voz. Mediante esta situação, Constância Lima Duarte afirma que:

⁶² ELIAS, Norbert. Op. Cit. p. 162.

⁶³ TELLES, Norma. **Escritoras, escritas, escrituras**. In: DEL PRIORI, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. Coordenação de textos de Carla Bassanezi. São Paulo: Contexto, 1997, p. 410.

Assim, o protagonismo feminino adentra as redações e toma para si a direção política e ideológica de muitas das folhas destinadas às mulheres. De leitoras a redatoras, abrem espaços às vozes femininas antes reclusas às alcovas, e empreendem a transformação hoje perceptível no perfil dessa imprensa: de “revistas de moda” a órgãos de reflexão⁶⁴.

Tomando a revista *Jornal das Moças* como narrativa composta de um conjunto de signos, e considerando que Chartier define os signos em sua função simbólica, como criadores das representações, podemos afirmar que as revistas femininas são objetos extremamente ricos em representações, sejam nos contos, nos conselhos para a mulher, na construção da imagem feminina ou nos romances. Com pouco mais de atenção em relação ao uso dessas revistas, pode-se compreender que tais imagens são as representações que fazem do mundo algo inteligível. Para Roger Chartier, as representações estão sempre ligadas aos interesses dos grupos que as criam, não sendo neutras, tanto que, se observarmos os redatores das revistas, percebemos que a maioria são homens

Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio⁶⁵

Para Michelle Perrot a tarefa em encontrar fontes historiográficas que abordem temas femininos, ou até mesmo para produzir esse material é muito difícil. Não teve muito espaço na narrativa histórica tradicional para elucidar a participação da mulher. Para Perrot a representação da mulher imagetivamente tem mais abertura. Segundo ela, “No teatro da memória, as mulheres são sombras tênues”⁶⁶. Confinadas a lugares reservados, pouco foi escrito sobre ela. A confecção do enxoval fica sob os cuidados das mulheres, a elas foram ensinadas tarefas de bordar, cortar e costurar. Essas tarefas eram transmitidas de mãe para filha.

Identificamos assim, que a representação da mulher, no periódico em questão, não gira apenas em torno de sua aparência, mas também de seu comportamento. Existem normas

⁶⁴ DUARTE, Constância Lima. *Imprensa feminina e feminista no Brasil: Século XIX*. Dicionário Ilustrado. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. p. 26.

⁶⁵ CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Difel, 1988, p. 17.

⁶⁶ DUARTE, Constância Lima. Op. Cit. p. 9

que precisam ser seguidas, papéis e tarefas que necessitam ser desenvolvidos. Por fim, a mulher encontra nessa revista dicas que podem ser relacionadas com as normas dos manuais de instrução antigos. Como uma versão mais moderna do que Norbert Elias chamava de Manuais de Civilidade. No caso do *Jornal das Moças*, a sessão intitulada “o que a mulher deve ser” das Imagens 14 e Imagem 15, traz semelhanças com os antigos manuais de civilidade que serviam para “adestrar” um indivíduo. Esta sessão da revista, também servia como um manual para instruir. Pois de acordo com ele a mulher deveria ser “adestrada em todos os mistérios domésticos”, a fim de ser uma administradora do lar, manter a casa sempre limpa e organizada a fim de receber o título de boa dona da casa.

A vida cotidiana das mulheres que tinham acesso a esta revista, girava em torno da boa aparência, ao bom funcionamento de seu lar e ao bom cuidado com seus filhos e esposo. Uma vida representada por estereótipos que a sociedade estabelecia. Esses magazines ilustrados contribuíam para a propagação e manutenção desse discurso, que levava a mulher a uma vida de reclusão.



Imagem 14 - *Jornal das Moças*: 21 de Maio de 1914. Edição 00001 p.17.

Os nossos instantaneos

O QUE A MULHER DEVE SER

(Continuação)



No Largo do Ruchado depois da missa

Os amáveis:

—«Até amanhã, éó da minha existencia! Não ponho sello n'esta carta para que ella te fique mais cara».

11.— A estrada em todos os mistéres domesticos. Caso não tenha necessidade de fazel-os executar, servir-lhe-á para dirigil-os, porque quem não sabe uma cousa, não sabe outra.

Uma casa limpa e bem dispostos os seus moveis, desperta os instinctos estheticos e dá boa idéa da capacidade da dona da casa.

Acredita-se que o talento culinario de algumas esposas tem produzido a espantosa fecundidade dos escriptores, seus maridos.

12.— Ser um pouco instruida. Conhecer bem, pelo menos, os rudimentos de arithmetica e de leitura. A mulher é o primeiro funcionario do Estado Familiar, pois tem a seu cargo a importante funcção da despesa, de cuja anarchia rebentam tantas revoluções.

Do bom desempenho deste cargo depende o equilibrio das finanças domesticas.

A quebra de muitos negociantes é devida, na maior parte, ás qualidades anarchicas e prodigas de suas mulheres.

Quando a cozinha suspende pagamentos, o escriptorio estremece; paralysa-se o serviço de mesa e sobrevem a dispensa geral de empregados, pela ausencia do pagamento de salarios.

Deve se forçar para que haja sempre na casa um fundo de reserva, embora escasso. Desde que sobre um vin-tem, depois de feita a despesa diaria, pôde considerar-se rica. Mas, ao contrario, se lhe faltar, pôde considerar-se tão pobre como o mais infeliz mendigo.

13.— A divisão mathematica deve ser sabida, já que a riqueza é para a maior parte considerada um mytho.

Por não saber dividir bem, algumas mulheres dividem os maridos...

A multiplicação é ainda uma operação mais importante, porque, no casal, é quasi inconsciente.

A mulher que, tendo em seu lar muitos filhos, não dispuzer de um grande tino arithmetico, fará que o marido, que não tiver grande fortuna, dê com os burros n'agua.

14.— Como a gloria e as honras não se ligam ao extincto de conservação nem ao da propagação da especie, deve procurar não arrefecer as ambições do marido, quando estas sejam legitimas.

Emquanto houver um atomo de justiça nas almas dos homens, a mulher de um sabio ou de um grande artista serão, no mundo, mais respeitadas e consideradas do que a de um banqueiro ou de um general.

Não busque imitar Dalila, cortando no marido a cabeleira de sua força intellectual.

A virilidade tambem repousa no cerebro do homem.

Comtudo, si seu marido é menos adorador de Venus do que de Minerva, recorde-lhe, armada com todas as armas de que dispõe a mulher, que o amor é mais forte do que a sciencia, e que elle se vingará terrivelmente dos maridos que se distrahem com sua vocação de sabios.

(Continua)



Quem tiver filhas no mundo
Não ria das malfadadas,
Porque as filhas da desgraça
Tambem nasceram honradas.

Imagem 15 - *Jornal das Moças*: 1 de Junho de 1914. Edição 00002 p.14.

Finalizamos o presente capitulo destacando a importância das revistas femininas enquanto fonte histórica. A exposição e análise das fontes históricas são de extrema importância para o estabelecimento de idéias e compreensão do que se passou. Elas são registros de um passado a espera de um historiador que tenha em sua tarefa a exposição dos acontecimentos. E para que o pesquisador alcance maior êxito em sua investigação, é

necessário que os instrumentos a serem analisados não sejam escassos. Para W. Humboldt “Tanto maior será seu sucesso quanto mais pura e completa possível for esta exposição.”⁶⁷

Por tanto, entendemos que as revistas femininas são ótimas fontes de pesquisa, pois se enquadram nos critérios estabelecidos por ele, a fim de se ter sucesso em uma pesquisa. Até hoje elas são produzidas e destinadas a um público específico. Seu conteúdo encontra-se imerso nos meios sociais (históricos) e ideológicos de sua época. Esse fato proporciona em meio à sociedade o que poderíamos chamar de *consciência coletiva*, teoria do sociólogo Émile Durkheim, pois trata-se de um termo que está relacionado com o conjunto de conhecimentos e características comuns de uma sociedade, que leva os indivíduos a pensarem e agirem de uma forma semelhante. Isso contribui para que, as representações exercidas pelos indivíduos na esfera coletiva, sofram influências da sociedade em que elas se encontram inseridas. Assim, os limites que envolvem a consciência individual e a consciência coletiva não são muito claros.

⁶⁷ HUMBOLDT, W. *Sobre a tarefa do historiador*. p.82

Conclusão

Como evidenciamos ao longo do presente trabalho, falar da representação da mulher não é um tema fácil. Principalmente quando consideramos os perigos das generalizações. Ser mulher vai muito além daquilo que uma ilustração pode abarcar. Mesmo assim, nos esforçamos para destacar elementos importantes na construção da representação feminina na primeira metade do século XX. Obviamente, consideramos que não esgotaríamos o tema, e por esse motivo canalizamos nossos esforços nas ilustrações dos periódicos femininos daquela época. Para sermos mais precisos focamos na Revista *Jornal das moças*, que obteve amplo alcance entre o público feminino enquanto circulou.

Por esse motivo, partimos de um pano de fundo com as principais marcas históricas deste período. Esse fator foi de grande importância, pois, revelou que a representação da mulher não estava desconectada da realidade socio-histórica. Além disso, contribui para a percepção de que a representação feminina ilustrada nas revistas brasileiras, não era nossa exclusividade. Sobretudo, quando percebemos a importação de conceitos de moda, beleza e ocupação das revistas de outros países. Podemos somar a isso, a evidência de que as grandes marcas históricas da primeira metade do século XX não representavam temas centrais da revista *Jornal das Moças*. Quando abordadas tinham uma aparência bastante artificial, ou até mesmo de controle. Esse pano de fundo histórico também é relevante, pois evidencia o público alvo da imprensa feminina, e, portanto da revista *Jornal das Moças*. Como vimos, a população brasileira era constituída de uma expressiva parcela de analfabetos e cidadãos que

apresentavam baixo poder aquisitivo e intelectual. Fator definidor que restringia a imprensa a um pequeno número de pessoas.

Assim, nos aproximamos melhor da imprensa direcionada ao público feminino. Constatamos que apesar de ser endereçada as mulheres havia uma predominância masculina na produção das ilustrações das revistas feitas para o público feminino. Nesse capítulo podemos ver também, como o fato das mulheres terem dificuldades históricas de acesso a certos níveis de educação, principalmente para entrar em uma universidade, o desenvolvimento da imprensa feminina foi lento e com apelo à moda e a literatura. Mesmo assim, mostramos a relevância da tal literatura, como explicado por Carla Pinsky que compreende as revistas femininas como a porta de entrada para uma viagem pela história das relações de gênero. abordamos também a importância histórica dos periódicos femininos, destacando a afirmação de Ana Luiza Martins de que a historiografia nacional não explora as revistas como faz com outras fontes.

No terceiro capítulo mergulhamos na revista *Jornal das Moças* e podemos narrar o seu surgimento em 1914 até o seu derradeiro exemplar em 1965. Destacamos que a revista sobreviveu a diversos episódios da história Brasileira e mundial, incluindo as duas grandes guerras. Com isso, procuramos demonstrar que o periódico dialogava com o contexto em que estava inserido oferecendo conselhos, análises, comportamentos e entretenimento. Como as demais revistas do seu tempo, *Jornal das Moças* propagava o *status quo*, o pensamento masculino dominante sobre uma mulher frágil e bela. Neste capítulo discorreremos sobre algumas colunas, como conselhos de beleza e dicas de comportamento. Mostramos que a revista se preocupava em estabelecer um padrão de beleza almejado por suas leitoras e a maneira correta de se comportar. Sendo assim, o periódico oferece dicas para mães, para esposas e até mesmo para jovens solteiras que desejam um bom casamento.

No último capítulo, analisamos a maneira que a revista *Jornal das Moças* representava a mulher. Para tanto, partimos das teorias de Pierre Bourdieu sobre a dominação masculina e a relação de poder simbólico, estabelecendo uma base para uma análise mais sólida do periódico. De uma maneira geral, identificamos que a revista representava a mulher, com um estereótipo de beleza. Por tanto, o primeiro fator mais importante na representação da mulher naquele período, seria a sua aparência, estas fariam qualquer coisa para obter uma pele bonita e suave, no intuito de ser bem vista pelos homens. Segue-se a isso, o ideal da boa esposa. A mulher representada como “do lar”, habilidosa para cozinhar, costurar, bordar, e receber o marido com a melhor expressão em seu rosto, e com uma “silhueta” bem marcada. Para aumentar ainda mais o peso sobre a mulher, demonstramos mais uma representação feminina,

a figura da mãe eficiente. Esta deveria ensinar e cuidar dos filhos como uma doação prazerosa, que se realiza no próprio ato ser útil como mãe, seja costurando, amamentando ou aconselhando.

Concluimos afirmando que a pesquisa para o presente trabalho foi enriquecedora e despertadora de interesses a respeito de outros temas relacionados à imprensa na primeira metade do século XX. Entendemos que a Revista *Jornal das Moças* correspondia, de fato, ao pensamento predominante de seu tempo, e articulava muito bem com os temas de maior interesse da classe média feminina. Mesmo não esgotando o tema, esperamos contribuir para que outros pesquisadores possam ir além do que conseguimos, e reafirmamos a importância da imprensa feminina enquanto documentação histórica a respeito das relações de gênero e a representação da mulher.

Lista de Imagens:

Imagem 1 - Recenseamento de 1920.

Imagem 2 - Recenseamento 1920.

Imagem 3 - *Jornal das Moças*: Rio de Janeiro, 1914. Edição 00002 p.30.

Imagem 4 - *Jornal das Moças*: 15 de jun. de 1914. Ed.3 p.14

Imagem 5 - *Jornal das Moças*: 21 de Maio de 1914. Ed. 1. p.4

Imagem 6 - *Jornal das Moças*: 16 de agosto de 1934. Ed. 1000, p. 6

Imagem 7 - *Jornal das Moças*: 15 de Janeiro de 1925. Ed.111031. p.15

Imagem 8 - *Jornal das Moças*: 11 de Janeiro de 1945. Ed. 1543. p.14

Imagem 9 - *Jornal das Moças*: 17 de Novembro de 1932. nº 909. Capa.

Imagem 10 - *Jornal das Moças*. 30 de Dezembro de 1948. Edição 01750 p.06.

Imagem 11 - *Jornal das Moças*: 30 de Dezembro de 1948. Edição 01750. p.64

Imagem 12 - *Jornal das Moças*: 22 de Setembro de 1938. Edição 01214. p.9.

Imagem 13 - *Jornal das Moças*: 07 de Janeiro de 1926. Edição 00551 p. 38

Fonte

Jornal das Moças (1914 – 1949)

REFERÊNCIAS

ALLOA, Emmanuel (org.). *Pensar a Imagem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

ALMEIDA, Jane Soares de. *As lutas femininas por educação, igualdade e cidadania*. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, v. 81, n. 197, p.5-13, jan./abr. 2000.

BARTHES, Roland. *Elementos de semiologia*. 16ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BLOCH, Marc. A história, os homens e o tempo. In: Marc Bloch. *Apologia da história: Ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, 51-68.

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. 11ª ed. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2012. 160p.

_____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1989.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. 3ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. *Os três povos da República*. Revista USP, São Paulo, n.59, p. 96-115, Setembro/Novembro, 2003.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.

DEL PRIORE, Mary. *A mulher na história do Brasil*. 4 ed. São Paulo: Contexto, 1994.

_____. (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006.

DUARTE, Constância Lima. *Imprensa feminina e feminista no Brasil: Século XIX*. Dicionário Ilustrado. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

HUMBOLDT, W. *Sobre a tarefa do historiador*.

LIMA, Sandra Lúcia Lopes. *Imprensa Feminina, Revista Feminina. A Imprensa Feminina no Brasil*. Projeto História, São Paulo, n.35, p. 221-240, dez. 2007.

MACILIO, Maria Luiza. *Família, Mulher, Sexualidade e Igreja na História do Brasil*. CEDHAL. Edições Loyola: São Paulo, 1993.

MAIA, Andréa Casa Nova. *Eu sei tudo: cultura, ciência e história em uma revista ilustrada na época de Vargas*. In: FERREIRA, Jorge. (org.). *O Rio de Janeiro nos jornais: ideologias, culturas políticas e conflitos sociais (1930-1945)*. 1ª ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014, p. 151-172.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*.

_____. *Minha História das mulheres*. [tradução Angela M. S. Côrrea]. São Paulo: Contexto, 2007.

PINSKY, Carla Bassanezi. *Mulheres dos Anos Dourados*. Contexto. São Paulo, 2014.

PRIORE, Mary Del. *História das mulheres no Brasil Colonial*. São Paulo: Contexto, 2000.

RIBEIRO, Simoni Clós Cesar. *As inovações constitucionais no Direito de Família*. **Jus Navigandi**, Teresina, ano 7, n. 58, 1 ago. 2002.

SAFFIOTI, Heleieth. *O Poder do Macho*. Editora Moderna. São Paulo, 1987.

SCALZO, Marília. *Jornalismo de Revista*. São Paulo: Ed. Contexto, 2003.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4ª ed.. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

TEDESCHI, Losandro Antonio. *As mulheres e a história: uma introdução teórico metodológica*. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2012.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo, porque as coisas são como são*. Volume 1. Florianópolis: Editora Insular, 2ª ed., 2005.

WOLF Naomi. *O Mito da Beleza: Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. Ed. Rocco. Rio de Janeiro, 1992.

Endereços eletrônicos:

Ajzenberg, E. (2012). *A semana de Arte Moderna de 1922*. Revista De Cultura E Extensão USP, Volume 7, p. 25-27. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9060.v7i0p25-29>> Acesso em: 09 de Março de 2019.

MESSINA, Ágata; KAZ, Leonel; BRAGA, Regina Stela; FERREIRA, Ruth. *Mulheres em revista: O jornalismo feminino no Brasil*. Caderno da Comunicação. Série Memória. Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio de Janeiro. 2002. Disponível em: <https://www0.rio.rj.gov.br/arquivo/pdf/cadernos_comunicacao/memoria/memoria4.pdf> Acesso em: 9 de Março de 2019.

Revistas Ilustradas Jornal das Moças disponível em: <<https://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/jornal-mocas/111031>> Acesso em: 20 de Maio de 2018.

Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/111031/per111031_1914_00001.pdf> Acesso em: 20 de Maio de 2018.

<<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-847-11-outubro-1890-503086-publicacaooriginal-1-pe.html>> visitado em: 04 de Janeiro de 2019.

SOARES, Diogo dos Santos. *O Jornal das Moças e os outros jornais*. XXI Congresso de iniciação científica da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. 2014. Disponível em: <http://cti.ufpel.edu.br/cic/arquivos/2014/LA_00351.pdf> Acessado em 10 de Agosto de 2018.

<http://www0.rio.rj.gov.br/arquivo/pdf/cadernos_comunicacao/memoria/memoria4.pdf> Acesso em: 10 de Agosto de 2018.

< https://www.pensador.com/autor/rui_barbosa/biografia/> visualizado em: 1 de Novembro de 2018.

<<https://www.estudofacil.com.br/belle-epoque-caracteristicas-progresso-arte-e-literatura/>> Acesso em: 1 de Novembro de 2018.